



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA

ISCED – HUÍLA

**A LUTA DE LIBERTAÇÃO EM ANGOLA 1961-1974,
TRATAMENTO METODOLÓGICO DO TEMA NA 11ª CLASSE NO
LICEU Nº 454 NO MUNICÍPIO DA CHIBIA**

Autor: Luís Evaristo Tchivela

LUBANGO

2023



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA HUÍLA

ISCED – HUÍLA

**A LUTA DE LIBERTAÇÃO EM ANGOLA 1961-1974,
TRATAMENTO METODOLÓGICO DO TEMA NA 11ª CLASSE NO
LICEU Nº 454 NO MUNICÍPIO DA CHIBIA**

Trabalho apresentado para obtenção do Grau de Licenciado no Ensino da História.

Autor: Luís Evaristo Tchivela

Orientador: MSc. Lucas Tchicoco

LUBANGO

2023



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUÍLA
ISCED - HUÍLA

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Tenho consciência que a cópia ou plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação a retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu **LUÍS EVARISTO TCHIVELA**, estudante finalista do Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED-HUÍLA) do curso de ENSINO DE HISTÓRIA, do Departamento de Ciências Sociais e Educação, declaro, por minha honra ter elaborado este trabalho, só e somente auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional

Lubango aos 18 de Janeiro de 2023

O Autor

Luís Evaristo Tchivela

DEDICATÓRIA

A Deus o Todo-Poderoso. Aos meus pais José Viana Tchivela e Isabel Evaristo (*in memoriam*) que despertaram em mim o gosto pelos livros e por todo amor, carinho e compreensão.

A esposa e meus maravilhosos filhos, pela inspiração amor e por todo aprendizado durante esta peregrinação pela vida. Sois a razão da minha existência.

AGRADECIMENTOS

Honra, glória e louvor em primeiro lugar para Deus, pelo dom e segredo da vida e por estar sempre presente tanto nas horas boas como nas mais difíceis.

Aos meus amados pais, meus queridos irmãos, irmãs e cunhados (as) por sempre acreditarem que eu chegaria ao fim desta jornada.

Ao meu orientador Mestre, Lucas Tchiococo pela oportunidade que me foi dada de trabalharmos juntos e por me permitir crescimento intelectual e pessoal.

Aos Docentes do Departamento de Ciências Sociais e Educação, em particular da Secção de Ensino de História pelos contributos académicos e por tornarem este momento realidade.

A Direcção, a Coordenação da disciplina de História e aos professores do Liceu nº 454 do município da Chibia que me acolheram, abriram-me as portas e deixaram-me colher informações para que esse trabalho fosse possível;

E finalmente, a todos que de forma directa ou indirecta, contribuíram para a realização deste objectivo. Minha eterna gratidão.

RESUMO

O presente trabalho foi realizado no Liceu nº 454 no município e tee como tema de investigação “ a luta de libertação em Angola 1961-1974: tratamento metodológico do tema na 11ª classe no Liceu nº 454 no município da Chibia. A questão problemática em torno do tema foi fundamentada na necessidade de se conhecer “ que estratégias didáticas-metodológicas podem ser utilizadas para abordagem do tema da Unidade V sobre a luta de Libertação Nacional? Assim, temos como objectivo geral elaborar um material de apoio sobre o tema “ a luta de libertação em Angola” com base em estratégias didáticas-metodológicas inovadoras que contribuam para o ensino e aprendizagem do tema na 11ª classe. Porém, outros objectivos específicos se remetem a diagnosticar as percepções dos professores e alunos sobre a luta de libertação de Angola; analisar o programa da disciplina de História da 11ª classe do ensino geral; identificar e analisar as estratégias utilizadas pelos professores na abordagem do tema na 11ª classe; elaborar um material didáctico que sirva de ferramenta auxiliadora para abordagem do tema na 11ª classe. Para tal, fez-se uso de pesquisa qualitativa com abordagem a descritiva-exploratória e usou-se como instrumento de recolha de dados o inquérito por questionário, através do qual foram inqueridos 4 professores de História e 25 alunos da 12ª classe do curso de Ciências Económico as e Jurídicas. Metodologicamente servimo-nos dos métodos histórico-lógico, intético – analítico, estatístico, indutivo-dedutivo. Tendo em conta os métodos utilizados, foram seguidos como procedimentos básicos a consulta bibliográfica e documental e para o processamento e manipulação dos dados recolhidos, fez-se recurso as técnicas de inquéritos por questionário, análise textual discursiva, bem como, a análise de conteúdo.

Palavras-chave: Angola, independência, estratégias, Ensino de História

ABSTRACT

The present work was carried out at High School N° 454 in the municipality of Chibia and its research theme was "the liberation struggle in Angola 1961-1974: methodological treatment of the theme in the 11th grade at High School N° 454 in the municipality of Chibia. The problematic question around the theme was based on the need to know "which didactic-methodological strategies can be used to approach the theme of Unit V on the National Liberation Struggle? Thus, our general objective is to elaborate a support material on the theme "the liberation struggle in Angola" based on innovative didactic-methodological strategies that contribute to the teaching and learning of the theme in the 11th grade. However, other specific objectives are to diagnose the perceptions of teachers and students about the Angolan liberation struggle; to analyse the History program of the 11th grade; to identify and analyse the strategies used by teachers to approach the theme in the 11th grade; and to elaborate a didactic material that can be used as an auxiliary tool to approach the theme in the 11th grade. To do so, we used a qualitative-quantitative research with a descriptive-exploratory approach and, as an instrument of data collection, we used the survey by questionnaire, through which 4 history teachers and 25 students from the 12th grade of the Economic and Legal Sciences course were questioned. Methodologically we used the historical-logical, analytic-integral, statistical, inductive-deductive methods. Taking into account the methods used, we followed as basic procedures the bibliographical and documental consultation and for the processing and manipulation of the data collected, we used the techniques of questionnaire surveys, textual discursive analysis, as well as content analysis.

Keywords: Angola, independence, strategies, History Teaching

ÍNDICE GERAL

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA	II
DEDICATÓRIA	II
AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	IV
ABSTRACT.....	VI
SÍGLAS E ABREVIATURAS	IX
INDICE DE TABELAS	X
INTRODUÇÃO	2
I - Motivação da Escolha do Tema	3
II - Identificação do Problema	3
Questão de investigação.....	3
Objecto de estudo	4
Objectivo geral.....	4
Objectivos específicos	4
Importância da Investigação	4
III-Quadro Metodológico.....	5
Métodos, procedimentos e técnicas de investigação.....	5
Técnicas de Pesquisa	7
IV- Campo de acção	8
1.1. SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E HISTÓRICA DE ANGOLA.....	6
1.2. MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA	9
1.3. LUTA ARMADA CONTRA O COLONIALISMO PORTUGUÊS	12
2.1. ENSINO DA HISTÓRIA DE ANGOLA.....	16
2.2. NECESSIDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA DO II CICLO DE O ENSINO SECUNDÁRIO EM ANGOLA.....	18

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
3.1. População e amostra	26
3.1. Caracterização do objecto da investigação	26
3.2. População e amostra	27
3.2.1. Caracterização da amostra dos professores participantes da pesquisa	28
3.2.2 - Caracterização da amostra dos alunos participantes da pesquisa	29
3.3 – Apresentação, análise e discussão dos resultados	30
3.3. Apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos da aplicação do inquérito por questionário aos alunos da 12ª classe do Liceu nº 454-Chibia	36
3.4. Análise da sequência didáctica do conteúdo sobre Tema V sobre a luta de Libertação de Angola no manual/programa da 11ª Classe	47
3.5. Sugestões de estratégias didáctico-metodológicas como contribuição para o tratamento do Tema V sobre a luta de Libertação de Angola	48
CONCLUSÕES E SUGESTÕES	54
CONCLUSÕES	55
SUGESTÕES	57

SÍGLAS E ABREVIATURAS

AMA- Associação das Mulheres Angolanas

EUA- Estados Unidos da América

FNLA- Frente Nacional de Libertação de Angola

GRAE- Governo de Resistência de Angola no Exílio

INIDE-Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação

LIMA- Liga Independente de Mulheres Angolanas

MED- Ministério da Educação

MFA-Movimento das Forças Armadas

MIA- Movimento para a Independência de Angola

MIA- Movimento para a Independência de Angola

MPLA- Movimento Popular de Libertação de Angola

ONU- Organização das Nações Unidas

OUA- Organização da Unidade Africana

PDA- Partido democrático de Angola

PEA- Processo de Ensino - aprendizagem

PLUA- Partido de Luta Unida dos Estados Africanos de Angola

PLUA-Partido de Luta Unida dos Estados Africanos de Angola (PLUA)

RDC- República Democrática do Congo

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNITA- União Nacional para a Independência Total de Angola

UPLA- União das Populações de Angola

URSS- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

INDICE DE TABELAS

Tabela 1. Técnica de metodologias activas para o ensino de História	22
Tabela 2. Caracterização da amostra dos professores participantes da pesquisa	28
Tabela 3. Caracterização da amostra dos alunos participantes da pesquisa	29

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Os portugueses, baseados na lógica mercantilista, foram em busca de acesso marítimo para a Índia, onde cobiçavam achar especiarias que tinham como destino a Europa. Em 1482, os primeiros lusitanos sob o comando de Diego Cão, no reinado de D. João II, ancoraram na Foz do Rio Zaire em 1482; a partir daí, teve início a conquista da região, abrangendo a área que hoje se chama Angola (SILVA, 2018). A partir de então, conforme Linhares (1981) Portugal passou a usar as suas colónias desde como fontes de mão-de-obra barata para as companhias de mineração inglesas e assim foi com Angola.

Neste âmbito, o colonialismo português ao longo da sua secular existência engendrou um conjunto de factores internos e externos que constituíram o fundamento do sentimento anticolonial da população angolana. Uma vez que, a expansão desenfreada conduzida pelos portugueses, subjugando as populações angolanas por meio da administração directa assimilacionista aliada a uma impiedosa exploração capitalista, para poder satisfazer o princípio de ocupação efectiva, foram elementos que constituíram a base da resistência que os angolanos ofereceram aos colonialistas, constituindo a plataforma na qual se projectou o movimento de libertação nacional em Angola.

Embora os trechos anteriores reflectem uma história triste e sangrenta, é importante que cada angolano, cada geração conheça a história que contribuiu para que Angola se tornasse num país livre, democrático e soberano e isso é feito por meio da educação formal principalmente. Logo, se consideramos a educação como um processo contínuo que acompanha, assiste e marca o desenvolvimento do indivíduo como cidadão e que envolve a preservação e transmissão da herança cultural, rapidamente se deduz a importância que o sistema educativo, em geral, e a escola em particular tem no conhecimento sobre a luta e libertação de Angola (Carvalho, 2015)

Assim, o presente trabalho espelha uma parte da história do povo angolano. A história de uma luta árdua para libertação do jugo colonial e conseqüentemente a luta pela sua emancipação e alcance da independência nacional em 1975.

I - Motivação da Escolha do Tema

Neste âmbito, sendo a educação uma questão chave para o conhecimento da cultura, da história de um povo e da manutenção da paz, não só pelo encaminhamento dos jovens para os centros de ensino, mas também, como forma de criação de uma nova metodologia pedagógica, o tema escolhido surge na necessidade sentida de se aprofundar os conhecimentos sobre a luta de que o povo angolano desencadeou para liberta-se do jugo colonial português e também da necessidade de planificar e reestruturar a unidade temática do programa da disciplina de História da 11^a classe de formação geral dos Liceus, baseando-se em estratégias didáticas-metodológicas que ajudem o professor de História a ministrar as aulas com maior profundidade e qualidade.

Assim, diante do que foi exposto anteriormente e do problema levantado, elaborou-se a seguinte questão:

II - Identificação do Problema

Embora as décadas de conflito armado tenham dizimado, desalojado, fragmentado em termos económico, social e cultural a população angolana, e decorridos 20 anos após a assinatura do acordo da paz, ainda se verifica principalmente a nível da juventude, uma falta de conhecimento sobre nossa história. História que conduziu o povo a liberdade, a história que permitiu a conquista de uma nação livre, soberana e independente. Também é notável um desconhecimento sobre o papel desempenhado pelos três partidos políticos MPLA, UNITA e FNLA, para que Angola fosse o país que é hoje, tal facto nos faz deduzir que não existe ainda uma história elaborada completa que pudesse servir base ou de fonte bibliográfica para contribuição no tratamento e estudo do tema da unidade V da 11^a classe do ensino geral, para que a escola sirva como meio de divulgação, educação e instrução dos jovens sobre a história do país.

Questão de investigação

- Que estratégias didáticas-metodológicas podem ser utilizadas para abordagem do tema da Unidade V sobre a luta de Libertação de Angola na

11ª classe de modos que contribua para a aprendizagem significativa dos alunos?

Objecto de estudo

A pergunta levantada tem como objecto de estudo os conteúdos da 11ª classe do II ciclo do Ensino Secundário.

Objectivo geral

- ✓ Elaborar um material de apoio sobre o tema “ a luta de libertação em Angola” com base em estratégias didácticas-metodológicas inovadoras que contribuam para o ensino e aprendizagem do tema na 11ª classe.

Objectivos específicos

- ✓ Diagnosticar as percepções dos professores e alunos sobre a luta de libertação de Angola;
- ✓ Analisar o programa da disciplina de História da 11ª classe do ensino geral;
- ✓ Identificar e analisar as estratégias utilizadas pelos professores na abordagem do tema na 11ª classe;
- ✓ Elaborar um material didáctico que sirva de ferramenta auxiliadora para abordagem do tema na 11ª classe.

Importância da Investigação

Essa investigação é relevante tanto do ponto de vista teórico, como do ponto de vista prático. Do ponto de vista teórico, o trabalho visou organizar, sistematizar sobre os conteúdos já existentes sobre “a luta de libertação nacional, mensurar o nível de conhecimento do tema pelos professores e alunos, o que pode contribuir para estimular o interesse pelo conhecimento do processo da independência do país.

Do ponto de vista prático, visa contribuir para o enriquecimento de diversificação bibliográfica sobre o tema, através da elaboração de um material de apoio, por um lado. E por outro lado, as estratégias didáctico-metodológicas sugeridas auxiliam na implementação de novas metodologias empregues no ensino da História.

III-Quadro Metodológico

Tipo de Investigação

Quanto ao problema levantado, para o desenvolvimento do trabalho fez-se recurso a pesquisa descritiva-exploratória. Relativamente aos objectivos delineados e tratamento de dados elegeu-se o paradigma misto (qualitativo e quantitativo). Embora, haja uma clara diferença de abordagem entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa, visto que a primeira não apresenta um instrumento estatístico, focando-se na análise e interpretação dos factos (faz descrição na base de pesquisa bibliográfica), enquanto, a segunda busca classificar os principais factores e medir o grau de participação de cada um nessa decisão (basea-se em dados estatísticos no trabalho de campo), nos dias actuais é muito comum a utilização de um paradigma misto principalmente em pesquisas em educação como forma de ultrapassar este debate e promover um conjunto de investigações baseadas na pesquisa de métodos mistos (MARCONI et,all, 2006; Eduardo 2009; Prodanov et,all, 2013).

Ainda nessa perspectiva, Braakmann (2012) defende que nenhuma das pesquisas é totalmente independente, pois que, em termos práticos a pesquisa qualitativa é complementar à pesquisa quantitativa. Daí a razão para a eleição do paradigma na realização do presente trabalho.

Métodos, procedimentos e técnicas de investigação

Segundo Pardal et,all, (2001) método é um conjunto de operações, situadas a diferentes níveis que tem em vista a consecução de objectivos determinados. Já para Barros et,all, (2007) os métodos são caminhos ordenados e sistemáticos para se chegar a um fim.

Assim, para o alcance dos objectivos propostos e na busca da melhor maneira de guiar a pesquisa, entre outros, se fez recurso aos seguintes métodos:

Método histórico - lógico: caracterizado pela preocupação do pesquisador em conhecer os antecedentes do problema em estudo (Lakatos et,all, 2007), foi

empregue com o intuito de se conhecer os antecedentes do problema, bem como compor um marco teórico que serviu de pilar para o desenvolvimento do trabalho;

Consulta bibliográfica e documental: para a sua realização como recomendam vários autores tais como Leite (2008) e Anderson (2002) foi feita mediante a análise e síntese de livros impressos e digitais, artigos, monografias e dissertações, tal procedimento permitiu a obtenção e simplificação dos conteúdos que suportam o tema.

Método de Observação: partindo do princípio de que toda pesquisa tem como ponto de partida a observação empírica de uma situação problemática é um método muito usado em ciências sociais, caracterizado pelo levantamento de informações com recurso a visão. Este método por ser entendido também, como constatação de um facto de forma espontânea ou casual, de forma metódica ou planejada (Lakatos, 2008; Gil, 2019). Este método permitiu reconhecer as dificuldades experimentadas tanto pelo professor, como pelos alunos relativamente ao tema;

Método Analítico, Sintético -: este método é caracterizado por explorar o todo e as partes em simultâneo (Lakatos et,all, 2007). Foi utilizado para estudar documentos já existentes, extraíndo deles particularidades interessantes que auxiliaram o desenvolvimento este trabalho;

Métodos Indutivo-dedutivo: foram utilizados nas etapas correspondentes a criação do problema e dos objectivos, na constatação de conceitos e percepção de relações entre factos, fenómenos e concepções que levaram a uma visão comum quer na revisão da literatura que serviu de base para o desenvolvimento do trabalho, ou na apresentação, análise e discussão dos resultados.

Tendo em conta os métodos utilizados, e o facto de que quanto aos procedimentos a pesquisa ter em parte também um carácter bibliográfico, foi seguido como procedimentos básicos:

Método Estatístico: é caracterizado por utilizar uma série de ferramentas que permitem quantificar os dados recolhidos através dos métodos de levantamento

de dados (Appolinário, 2012). Foi utilizado na pesquisa na fase da apresentação dos resultados, obtidos a aplicação dos inquéritos aos professores e alunos.

Técnicas de Pesquisa

Para o processamento e manipulação dos dados recolhidos, fez-se recurso as seguintes técnicas:

Observação: partindo do princípio de que toda pesquisa tem como ponto de partida a observação empírica de uma situação problemática é um método muito usado em ciências sociais, caracterizado pelo levantamento de informações com recurso a visão. Este método por ser entendido também, como constatação de um facto de forma espontânea ou casual, de forma metódica ou planejada (Lakatos, 2008; Gil, 2019). Este método permitiu reconhecer as dificuldades experimentadas tanto pelo professor, como pelos alunos relativamente ao tema;

Inquéritos por questionário: foi utilizado para a obtenção das concepções dos professores sobre o tema de pesquisa, pois, pelas suas características o inquérito é um instrumento valioso para aquisição directa de informações quando se pretende envolver participantes externos na pesquisa (Anderson, 2002).

Análise textual discursiva: por meio da aplicação de inquérito por questionário com perguntas abertas e fechadas, as respostas dos participantes da pesquisa foram agrupadas em um único arquivo e codificadas, constituindo o corpus de análise, sobre o qual procedeu-se a análise textual discursiva (Moraes; Galiazzi, 2016). Neste âmbito, O processo ocorreu, inicialmente, com desconstrução dos depoimentos dos participantes em unidades de sentido. Sobre cada unidade escreveu-se a ideia principal contida nela, tratando-se, pois, de uma escrita interpretativa.

Análise de conteúdo: a análise de conteúdo “é uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação” (Anderson, 2002)

IV- Campo de acção

O presente trabalho- inquérito foi realizado no ISCED-BIBLIOTECA no Lubango Província da Huíla e no LICEU nº 454 do Município da Chibia.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Situação geográfica e histórica de Angola

1.1.1. Enquadramento geográfico de Angola

Limitada a Norte pelo Congo e a República Democrática do Congo (RDC), a Leste pela RDC e a Zâmbia, a Sul pela Namíbia e a Oeste pelo Oceano Atlântico, situa-se na Costa Atlântica da África Austral com superfície de 1.246.700 quilómetros quadrados e um clima variado entre tropical húmido no Norte e tropical seco a desértico no Centro e Sul. Administrativamente, o território angolano está dividido por 18 províncias e tem como sua capital Luanda, que concentra todo poder económico do país.

Relativamente a Fauna e flora, o país alberga uma das mais ricas e importante biodiversidade do continente, com biomas como o deserto do Namibe no Sudoeste, passando pela Bacia do Kwanza inteiramente angolana com as suas florestas e savanas abertas, a Bacia de Cubango, no Sudeste, e a floresta tropical na Bacia do Zaire no Norte e Nordeste (MINUA, 2006). O Ministério do Ambiente estima que a biodiversidade alberga mais de 5.000 espécies de plantas, com 275 espécies de mamíferos reconhecidas, onde se destacam a célebre palanca negra gigante (*Hippotragus niger variani*), a pacaça (*Syncerus caffer nanus*), o elefante da savana e florestas (*Loxodonta africana africana* e *Loxodonta africana cyclotis*), o gorila (*Gorilla gorilla*), o chimpanzé (*Pan troglodytes*), o manatin africano (*Trichechus senegalensis*) e o guelengue do deserto (*Oryx gazella*), entre outros (Mills et al., 2004; Ryan et al., 2004; Minua, 2006, Mills et al. Melo, 2013).

A excepcional biodiversidade em Angola se deve à combinação de um certo número de factores, como a vasta dimensão do país, a sua posição geográfica intertropical, a variação em altitude e o tipo de biomas. A diversidade climática, combinada com igual variação geológica e de solos, contribuiu para a formação de zonas bioclimáticas que compreendem a densa floresta tropical e a ausência de vegetação no deserto. Estes diferentes habitats favorecem um elevado nível de diversidade biológica. .

Do ponto de vista sociocultural, Angola com uma população de estimada em 35 306 052 habitantes, dos quais 17 489 380 é o censo da população masculina o

que corresponde a (49,5%) e 17 816 672 é a população feminina actual, correspondendo (50,5%) é um país rico em diversidade cultural por causa da migração dos povos Bantu, na África Central, Oriental e Austral. Os povos Bantu se espalharam por várias partes do território angolano, o que deu origem a várias etnias que possuem diversos hábitos e costumes diferentes. Por conta desta divisão, surgiram também vários grupos etnolinguísticos no seio da população angolana, como os Bakongos, Ambundo, Lunda Quioco, Ovimbundu, Ganguela, Nhaneka-Humbe, Ovambo, Herero e Okavambo, todos de origem Bantu (anexo 2, pag.61) (Menezes, 2000; LUCAS, 2021)

1.1.2. Contextualização histórica de Angola

Os contactos são antigos e a colonização é recente. Não houve cinco séculos de colonização portuguesa em Angola. A sua função principal no império português, senão a única, foi fornecer escravos ao Brasil até ao século 19. Neste contexto, nos debruçaremos sobre alguns aspectos que marcaram a história de Angola:

No período de 1482-86 Diogo Cão chega ao rio Zaire (Congo) e começam as relações com o reino do Kongo No ano 1576 Paulo Dias de Novais funda a cidade de Luanda. Neste mesmo período o rei Mbundu é chamado Ngola, nome posteriormente foi dado à região: Angola. A partir deste período, os portugueses, baseados na lógica mercantilista começaram a exploração do território, um território rico, o qual atraiu novos interessados, por isso em 1641 foi marcado pela tomada de Luanda pelas armadas holandesas em 1641. Para a retomada da Cidade e restauração da autoridade portuguesa, o Rei de Portugal, D. João IV, ordena a organização de uma esquadra, cujo comando é confiado a Salvador Correia de Sá, que no Brasil granjeou grande prestígio e respeito como governante e chefe militar. Com uma armada de 12 navios e 1.200 homens, Salvador Correia de Sá retoma a Cidade de Luanda, em 15 de Agosto de 1648 (Pimenta, 2014).

Até finais do século XVIII, Angola funciona como um reservatório de escravos para as plantações e minas do Brasil. A ocupação dos portugueses confina-se às fortalezas da costa. Os antigos pontos de comércio e de presença militar continuam como que um arquipélago de crioulidade: feiras, feitorias, presídios,

fortalezas. O comércio, organizado hierarquicamente a partir da costa, penetrou o continente muito além da presença portuguesa, com o sistema de pumbeiros, ou pombeiros (comerciante ambulante, negro ou mestiço), *aviantes* (que fornecem a mercadoria) e *aviados* (que representam o aviante) (CUNHA, 2011; SILVA, 2018).

Em 1845, havia apenas 1832 brancos civis em Angola, 9000 em 1900, mais 400 000 em 1973, os quais 95 % deixaram o país depois da independência, em 1975-76.

De 1848 a 1926, contaram-se 189 operações militares com cada vez milhares de soldados portugueses, o que dá uma ideia da dificuldade de penetração do interior, visto que só se considerou ocupado inteiramente o território em 1926.

Em 1951 a colónia de Angola passa a ser “Província Ultramarina” e mais tarde, com o governo de Marcelo Caetano “Estado de Angola”, nesta altura se intensifica o indigenato, a assimilação, o trabalho forçado ou contrato e durante o período colonial, a lei distinguia o colonizador do colonizado. O africano (o “indígena”) podia obter a nacionalidade portuguesa tornando-se “assimilado” ou civilizado, em oposição ao indígena. Uma percentagem muito fraca da população atingiu o estatuto de assimilado. O trabalho forçado, chamado simplesmente “contrato”, aparece como uma versão moderna da escravatura, vigorou de 1928 a 1962.

1.1.2.1. 1961: Início da luta armada de libertação (até 1974).

Desde o início da luta armada, existiu outra guerra, entre os movimentos de libertação. Desde a criação da UNITA, em 1966, rivalidades entre o MPLA, a UNITA e a FNLA. Descolonização rápida até à independência, entre 25 de Abril de 74 e 11 de Novembro de 75. Em seguida houve o período que pode-se classificar como a “segunda guerra de libertação” contra os sul-africanos. A década de 90 foi marcada por processos como os acordos de paz de Bicesse entre o MPLA e a UNITA, seguidos dum período de paz de um ano e meio isto em 1991, o que levou as primeiras eleições livres no ano seguinte (1992). O ano de 1993 é marcado como o pior balanço da guerra civil que levou em 1994 aos acordos de paz de Lusaka. Após mais e 30 décadas de guerra civil no ano de 2002 foi proclamado o fim da guerra pela morte de Savimbi a 22 de Fevereiro.

Desde 2002 Angola vive um período de não-guerra e não-paz (violências em Cabinda).

1.2. Movimentos de libertação de Angola

Segundo Silva (2018) um dos factores de muita importância para o processo de descolonização do continente africano foi o V Congresso Pan-Africano, que aconteceu em Manchester (1946), quando foi escrita a “Declaração aos Povos Colonizados”, pelo Dr. Kwame Nkrumah, oriundo da Costa do Ouro. Nessa ocasião, foi criado um Comité Regional de Delegados, que foi a primeira formação política organizada. Outro factor marcante foi a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização da Unidade Africana (OUA), que se transformaram em tribuna do anticolonialismo militante.

Para Cascudo (1979), nas décadas de 50 e 60, surgiram, em Angola, vários movimentos de libertação nacional, sob as mais diversas siglas, mas com o passar do tempo, ocorreram transformações e alguns movimentos mudaram de nome ou se fundiram, dando origem a novas siglas.

1.2.1. Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA)

A Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) foi um movimento político criado em 1962, fruto da junção da União das populações de Angola (UPA) – cujo líder era Holden Roberto, que passou a ser o principal nome da FNLA, com o partido democrático de Angola (PDA). Segundo Taylor (2006), ao contrário do MPLA, a FNLA usava a bandeira da racial, declarando-se contra os brancos portugueses, e anticomunistas. Em fins da década de 1960, a FNLA recebeu as primeiras armas, e segundo o seu líder, estas eram provenientes da Tunísia, que naquela altura estava sob a presidência de Habib Bourguiba.

Segundo Felgas (1968), a FNLA tinha ligação privilegiada com os Estados Unidos da América, que lhe fornecia apoio financeiro anual e conselho técnico, inclusive com a presença de agentes nas suas bases. A FNLA tinha suporte dos EUA e do Zaire.

Desde o início, a FNLA buscou apoio dos países ligados à cultura capitalista, e tais relações serviram-lhes de barreira na unificação com os demais movimentos de libertação, que se opunham a este tipo de aproximação.

1.2.2. Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)

O movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), é um movimento político organizado em 1956, foi o fruto da união do Partido de Luta Unida dos Estados Africanos de Angola (PLUA) e do Movimento para a Independência de Angola (MIA). O MPLA, liderado por Agostinho Neto, que assumiu a orientação marxista, era fortemente urbano. Entre os membros do movimento havia tanto mestiços quanto assimilados e brancos, bem como a população Ovimbundo de Luanda.

O MPLA adoptava como projecto a criação de uma Frente Angolana de Libertação e um regime democrático que reunisse o maior número de partidos políticos, a sociedade civil, todas as etnias, as organizações religiosas, todas as camadas sociais angolanas e todos os angolanos sem distinções de sexo ou de idade (Silva, 2018). Com o comparecimento da MPLA em uma conferência, em Tunes, em janeiro de 1960, foi-lhes possível arrecadar os primeiros apoios para a luta contra o colonialismo.

Segundo Bittencourt (2008) o MPLA mantinha relações com Argélia, Gana, Mali, Guiné-Conacri, Egito e Marrocos. O MPLA recebia destes países formação técnica, armamento, apoios logísticos e financeiros. O mesmo autor relata, que o MPLA recebeu apoio da China, da Tanzânia e da Zâmbia a partir de 1967. Esses países foram de extrema importância para as operações do MPLA no leste de Angola. A Tanzânia é país fronteiriço do mar e da Zâmbia, o que possibilitaria a entrada de armamento proveniente da China. Salientando-se que, apesar da diferença ideológica encontrada naquele momento, entre a China e a URSS, a ajuda de ambos os países constitui-se como um impulso fundamental no reconhecimento do MPLA pela Organização da União Africana (OUA), como a principal organização nacionalista em Angola para a luta da independência. Entretanto, esse forte apoio dessas duas potências viria construir divisões no partido.

1.2.3. União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA)

Segundo Visentini (2012), a União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) foi fundada em 1964, mas só deu início à luta armada em 1966, liderada por Jonas Savimbi, que tinha deixado a FNLA e o GRAE. Os principais componentes da UNITA eram das etnias do sul – Ngangela, Chokwe e Ovimbundu. A UNITA, com sua base na Zâmbia, visava o apoio popular e a mobilização das massas, mas era militarmente muito fraca. Embora se declarasse maoísta, a UNITA alterava sua posição ideológica de acordo com o apoio externo a ser recebido.

Segundo Agostinho (2011), o projecto e a ideologia adoptada pela UNITA foram a liberdade e a independência nacional; a justiça social, o trabalho e o progresso. Buscava, ainda estimular a religião no seio da sociedade, o que teria efeito catalisador em suas propagandas.

Rosa (1980) afirma, as relações externas da UNITA tiveram início muito antes do movimento ter sido constituído. O líder do movimento, Savimbi, juntou-se aos ex-militantes da UPA/GRAE e fixou-se na Zâmbia, dando início ao que podemos chamar a “AMANGOLA”. Houve tentativas frustradas de buscar apoio de outros países africanos (Egipto, Tanzânia e Argélia) e dos blocos socialistas (URSS, Alemanha Oriental, Checoslováquia e a Hungria). Conforme o EME (2006), apenas a China disponibilizou apoio à UNITA, possibilitando a formação da brigada militar dentro do seu território.

No que tange ao apoio à UNITA na África austral, apenas a Zâmbia permitiu movimentos de actividades da UNITA em 1967; entretanto, em virtude das diversas divergências com o governo zambiano, a UNITA foi obrigada a sair do país. Um dos factores de muita importância para o processo de descolonização do continente africano foi o V Congresso Pan-Africano, que aconteceu em Manchester (1946), quando foi escrita a “Declaração aos Povos Colonizados”, pelo Dr. Kwame Nkrumah, oriundo da Costa do Ouro. Nessa ocasião, foi criado um Comité Regional de Delegados, que foi a primeira formação política organizada. Outro factor marcante foi a criação da Organização das Nações

Unidas (ONU) e Organização da Unidade Africana (OUA), que se transformaram em tribuna do anticolonialismo militante.

Segundo Cascudo (1979), nas décadas de 50 e 60, surgiram, em Angola, vários movimentos de libertação nacional, sob as mais diversas siglas, mas com o passar do tempo, ocorreram transformações e alguns movimentos mudaram de nome ou se fundiram, dando origem a novas siglas.

1.3. Luta armada contra o colonialismo português

Todos os factos já mencionados (racismo, trabalho forçado, ditadura, etc.) colaboraram para a criação de condições históricas que moldaram o clima social e político em Angola em 1961, a revolta teve início inegavelmente na área étnica e de acção da UPA, no Norte de Angola, em 15 de março de 1961, quando foram atacadas várias fazendas e postos administrativos portugueses. Segundo Agostinho (2011), contudo, esses fatos foram seguidos por duas revoltas, que foram na Baixa de Cassange, a Leste de Malange. Iniciados em 11 de janeiro de 1961, demonstravam o descontentamento da população local sobre os maus tractos do regime (Pélissier e Wheeler, 2011)

De acordo com Visentini (2012), em 1962 a Guerra Popular de libertação do Povo Angolano, que já tinha tido início no ano anterior com a criação da 1ª Região Político-Militar do MPLA, ao norte do de Luanda, estendeu-se a Cabinda, onde foi criada a 2ª Região Político-Militar. Em 1966, a UNITA começou sua participação na luta armada pela independência com abertura de uma frente na região leste do país, no momento em que o MPLA também abriu a sua frente na mesma região, a 3ª Região Político-Militar. Nos anos seguintes, o MPLA seguiu ampliando suas lutas e abrindo novas frentes: as 4ª e 5ª Regiões Político-Militares, nos anos de 1968 e 1969, nas regiões de Luanda e de Bié (centro do país) respectivamente.

A Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974, acto liderado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), foi o movimento que derrubou o regime ditatorial do Estado Novo, criado por António Salazar em 1933. O movimento visava estabelecer liberdades democráticas, com o intuito de promover transformações

sociais no país. Com a aderência em massa da população, a resistência do regime, enfraquecido militarmente, foi praticamente nula.

O objectivo principal do programa apresentado pelo governo do MFA foi a famosa política de três D, que seria democratizar, descolonizar e desenvolver. A Revolução dos Cravos abriu, assim, caminho para a independência das então províncias ultramarinas. Segundo Visentini (2012), a revolução dos Cravos reconheceu de imediato o direito à independência, convidando os três principais movimentos de libertação angolanos: MPLA, UNITA e FNLA, para formar, juntamente com Alto-comissário Português, um governo de transição.

Ainda de acordo com o mesmo autor, assim, houve a assinatura do acordo de Alvor em 15 de janeiro de 1975 entre o Governo português e os três principais movimentos de libertação angolanos, que estabeleceu os parâmetros para a partilha do poder na antiga colónia. Foi estabelecida a nova administração, formada em 1975, por um governo provisório de coalizção, composto pelos três partidos, a qual deveria perdurar até a proclamação oficial da independência, que ocorreria em 11 de novembro de 1975. O governo provisório, composto por representantes dos três partidos no Conselho Presidencial - assumiu o poder no fim de janeiro; tal governo, porém, logo se desintegrou, à medida que aumentavam as animosidades entre os movimentos.

Em novembro de 1975, Angola alcançara sua independência, mas os conflitos, no entanto, não tiveram fim. Ao mesmo tempo em que MPLA proclamava em Luanda (com a retirada das autoridades e das últimas tropas portuguesas) a República Popular de Angola; a FNLA e a UNITA proclamavam, em Huambo, a República Democrática de Angola, constituindo, assim, dois governos paralelos. Portugal não reconheceu a legitimidade de nenhum dos dois, mas os demais países reconheceram gradativamente o governo do MPLA. Apenas em 1976, Portugal reconhece a legitimidade do governo da República Popular de Angola (Visentini, 2012; Silva, 2018).

Em suma, As décadas de 50 e 60 foram um marco no que tange ao processo de descolonização da África, depois da segunda guerra mundial e da criação da Organização das Nações Unidas (ONU). Neste período foram mais de cinquenta

colónias que se tornaram nações independentes, mas o rigor do regime de Salazar em Portugal barrou todas as tentativas de independência das colónias portuguesas. Com o término da ditadura em Portugal em 25 de Abril de 1974, o sonho das colónias portuguesas de conseguir a independência se torna realidade.

CAPÍTULO II: ENSINO DA HISTÓRIA DE ANGOLA NO 2º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO NO CONTEXTO ACTUAL

CAPÍTULO II: ENSINO DA HISTÓRIA DE ANGOLA NO 2º CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO NO CONTEXTO ACTUAL

2.1. Ensino da História de Angola

Qualquer que seja o contexto, todo o currículo assenta sempre sobre três pilares: a sociedade que ele vai servir, o conhecimento científico a transmitir e o sujeito a ensinar, isto é, o aluno (Nsiangengo, 1997).

No currículo do 2º ciclo do ensino secundário o enquadramento dos programas e na função social, está direccionado para a formação integral do aluno, igual como sucede no ensino primário e 1º ciclo do ensino secundário, e para «preparar o ingresso no mercado de trabalho e/ou no subsistema de ensino superior e desenvolver o pensamento lógico e abstracto e a capacidade de avaliar a aplicação de modelos científicos na resolução de problemas da vida prática». (Altunaga, 2005).

No caso da disciplina de História em Angola, o seu currículo de ensino passa pelos objectivos da disciplina traçada a partir do desenvolvimento e transmissão de várias matérias. Neste sistema de ensino, em cada conteúdo da História extraem-se os objectivos educativos de maneira a reconhecer o passado e a incentivar o estudo da História. Mas da construção do programa curricular, observamos uma escassez nas unidades temáticas sobre a transversalidade histórica com base na realidade nacional. Porém, a construção curricular de História pode ser capaz de traduzir o equilíbrio entre o passado histórico e o presente; ou ainda da modernidade à tradição e formar a pessoa que se deseja.

Mas nesta vertente torna-se necessário adoptar numa «abordagem pluridisciplinar» e «transdisciplinar» em classes consecutivas conforme a necessidade social num período médio e longo de formação. É com base nesses elementos que a educação para a paz, a educação do papel da mulher e a educação multicultural representam actualmente uma necessidade de as enquadrar no currículo de ensino e pelos factos no currículo da disciplina da História.

Para Rama (1980) e Byrd (1945) a disciplina de Histórica é um resumo da experiência humana e a sua função é ensinar. Rama refere que, esta definição salienta o fim didáctico da História, alarga os próprios limites da disciplina que, nos nossos dias, chega a ser concebida como coincidente com os grandes interesses da sociedade. Isto significa, que o ensino da História deve contribuir para a formação de um cidadão apto, para a compreensão transversal, preparado para viver na diferença e com respeito pelo outro, aproximando os melhores valores do passado cultural de seus e de outros, participando para a construção de uma sociedade harmoniosa.

Pela atribuição específica que a História exerce no campo das ciências sociais, o seu estudo além de abarcar os ensinamentos do passado também se ocupa do presente e, por sua vez, a boa conduta social do homem depende da educação e de um percurso curricular. A educação numa vasta aceitação designa o conjunto das influências do ambiente, as dos homens ou as das coisas, chegando a transformar o comportamento do indivíduo que as experimenta (Arénilla et al.; 2001). Neste contexto pode-se afirmar que a acção educacional nas sociedades permite a interpretação de factos que provém de vários contributos. Entre eles temos o ensino da História, que conduz à preservação da memória, conhecimentos e valores das sociedades, proporcionando uma convivência na diversidade e solidariedade.

O ensino de História necessário para a formação das crianças e jovens no espaço escolar, deve levar as questões do tempo presente, “O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Secundário é aquele que dialoga com o tempo actual. Em consonância com este pensamento, Menezess (1998) afirma que “O historiador não faz o documento falar: é o historiador quem fala e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala.”

No entanto, no contexto das nossas escolas ensinar história tem sido frequentemente conduzido de forma desinteressante e pouco compreensível. Não se observa uma aprendizagem significativa dos alunos relativamente a história de Angola, pelo contrário, o quotidiano tem mostrado uma falta de conhecimento por

parte dos alunos sobre os principais marcos históricos do percurso do continente Africano no geral, e de Angola em particular.

Sendo assim, é de suma importância o âmbito educacional está em busca de atenuar as dificuldades do processo de ensino e aprendizagem no ensino de história, de modo a capacitar seu corpo docente a fim de que essa classe desperte o interesse para inovar sua mediação pedagógica tornando-se líderes na formação de cidadãos activos para reflectir socialmente (Sousa et al. Sobral, 2020).

2.2. Necessidade de formação contínua dos professores de História do II ciclo de o Ensino Secundário em Angola

A palavra formação vem do latim *formatio*, que significa um conjunto de valores ou qualidades morais, resultantes da educação (*carácter*), segundo o dicionário da língua portuguesa. A formação de um indivíduo é um acto que o capacita, dando-lhe habilidades de exercer determinadas tarefas no exercício das suas funções. A formação contínua dos professores é apontada como um dos mecanismos para melhorar os sistemas educativos, por essa razão, a funcionalidade do sistema de formação contínua bem como o processo de formação contínua dos professores, são elementos que precisam ser bem equacionados com fim de que esta seja, efectivamente, um mecanismo para melhoria dos sistemas educativo (Gando, 2021).

Assim sendo, assume-se que as exigências profissionais, num mundo que está cada vez mais globalizado, vão exigir também muito mais dos profissionais no sentido de estes adquirirem formações adequadas para que possam dar conta dos desafios impostos por esta mesma globalização (Day, 2001; ZAU, 2005; Perrenoud, 2013; Nicolau et al. Monteagudo, 2019). Se, por um lado, há exigência, aos profissionais, de estarem à altura dos desafios, por outro lado exige-se muito mais aos sistemas educativos, pois que estes são os responsáveis pela formação de profissionais qualificados e à altura dos desafios impostos pela globalização, como referem diferentes autores (Estêvão, 2012; Ngaba, 2012; Zau, 2005; Afonso, 2013).

No nosso contexto, falar da formação de professores, em Angola, requer, insistentemente, falar do percurso histórico do país desde a independência e do período de guerra civil até aos dias de hoje, em que o país se encontra em paz. A compreensão deste processo representa uma ajuda para a compreensão do actual quadro do sistema educativo angolano. Estudos desenvolvidos em Angola, dão conta de uma cronologia de 40 anos de guerra que assolou o país, isto de 1961 a 2002 (Zau, 2005). Considera-se este período extremamente longo e que merece uma especial atenção, pois é apresentado, por alguns autores, como um dos factores determinantes para a compreensão dos avanços e retrocessos constatados no sistema de educação e ensino de Angola, tendo em consideração as consequências das guerras (Liberato, 2014; Zau, 2005; Ngaba, 2012).

Assim, enquanto, em Angola, ainda se pensa na necessidade de institucionalização da formação contínua como um direito dos professores e que a institucionalização da mesma pode garantir a melhoria da qualidade de ensino, em Portugal, por exemplo, a institucionalização da formação contínua constituiu, desde a década de setenta, uma reivindicação da classe docente, que a encarava como um direito dos professores e uma obrigação do Ministério da Educação (Canário, 2001). No entanto, de acordo com o mesmo autor, depois de 1993, esta situação de certo modo inverteu-se: o Ministério passou a ter o direito de exigir aos professores que frequentem acções de formação.

Neste sentido segundo Cruz (2019) para os professores, a formação passou, num curto lapso de tempo, do exercício de um direito ao cumprimento, muitas vezes penoso, de um dever. Esta passagem é a expressão de um fenómeno mais geral, presente no mundo do trabalho, que consiste na evolução de um paradigma da qualificação (a formação constitui uma via de promoção social) para um paradigma da competência (a formação é um requisito da "empregabilidade").

Nesta perspectiva, a ênfase colocada na importância da formação contínua, bem como a elevação do nível de exigência para o exercício profissional, traduzido em estratégias de "complemento de habilitações", podem (de um ponto de vista otimista) ser encarados como uma valorização da profissão docente, mas também podem ser vistos como um processo de instalar a generalidade dos professores

numa situação de défice, apenas superável com o recurso a mais (formação) (Canário, 2001).

Pois para Day (2001) a formação contínua pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento dos professores e das escolas. Esta contribuição para o desenvolvimento quer dos professores quer das escolas, requer que se pensem, com o maior rigor, todos os aspectos desde os pessoais, profissionais e até sociais, que podem apresentar-se como entraves para processo de formação contínua, olhando para os programas e planos de formação contínua no sentido de que esta seja, de facto, a ajuda que se quer para o desenvolvimento dos professores e das escolas. Na perspectiva do autor, a formação contínua tem, entre outros objectivos, o de proporcionar uma aprendizagem intensiva durante um período de formação. Aqui, defendemos que o processo de planificação da aprendizagem intensiva que acontece através das formações que o professor recebe, deve ser planificado partindo de uma cooperação entre o professor e a entidade que planifica as formações, reservando um espaço nesta planificação em que o professor coloque os seus saberes e experiências que adquire no decurso da sua profissão.

Logo, falar sobre formação contínua dos professores requer, simultaneamente, falar também do seu desenvolvimento profissional, pois entende-se como formação contínua o caminho que todo profissional deve percorrer para o alcance de um desenvolvimento profissional desejado e a consequente satisfação profissional e, muitas vezes, até mesmo pessoal. Com o mesmo pensamento, os autores Prada, Freitas e Freitas, afirmam que os professores em exercício constroem novos conhecimentos, ideias e práticas sobre o exercício profissional. Para os autores, a formação dos professores envolve toda a trajectória dos profissionais, suas concepções de vida, de sociedade, de escola, de educação, seus interesses, necessidades, habilidades e também seus medos, dificuldades e limitações (Prada, Freitas Et Al. Freitas, 2010).

Essa realidade engloba os professores de História. Para esses profissionais é fundamental a busca de novos saberes e novas ferramentas frente a um mundo cada vez mais globalizado. É crucial que os professores de História façam uma

reflexão de como ensinar a história de Angola numa geração cada vez menos desinteressada? Como falar do passado de forma mais interactiva numa geração centrada nos vídeos jogos, redes sociais e desconectada com a realidade? Que linguagem e metodologias utilizar para despertar o interesse dos alunos sobre a história do país?

É neste sentido que defendemos que a planificação dos programas e projectos de formação contínua dos professores, deviam ter em consideração aspectos ligados à vida pessoal, profissional e social dos professores, atendendo ao cenário que muitos dos profissionais da educação vivem, com particular realce para Angola (Zau, 2005; Liberato, 2014; Chimuco, 2015; Nicolau Et Al. Monteagudo, 2019).

2.3. Metodologias activas para o ensino e aprendizagem de História

Debates e preocupações acerca dos métodos de ensino têm afectado e transformado o ensino de História ao longo do tempo. Assim, reflectir historicamente sobre o processo de constituição dos métodos e das próprias disciplinas escolares é um exercício fundamental para que possamos compreender e levantar (MESQUITA et al. MATTA, 2017)

Neste sentido, Valente, Almeida e Geraldini (2017) definem as metodologias activas podem como estratégias pedagógicas para criar oportunidades de ensino nas quais os alunos passam a ter um comportamento mais activo, envolvendo-os de modo que eles sejam mais engajados, realizando actividades que possam auxiliar o estabelecimento de relações com o contexto, o desenvolvimento de estratégias cognitivas e o processo de construção de conhecimento.

Logo, percebe-se que o ensino de História por meio de metodologias activas contribuirá muito para que o aluno consiga a aprendizagem significativa e obtenha sucesso escolar. Dessa forma, Bastos (2006) enfatiza que o professor deve actuar como um facilitador, para que o aluno faça pesquisa, reflecta e decida por ele mesmo o que fazer para alcançar os objectivos. O estudante e o professor assumem o papel de pesquisador, ficando esse último com a função também de conduzir a investigação e instrumentalizar a criança para que ela aprenda com autonomia. Desse modo o estudante torna-se protagonista da sua aprendizagem.

Os estudos das metodologias activas apresentam técnicas desenvolvidas por cada método, onde cada um tem a sua importância quando colocado em colaboração com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos (Sousa et al. Sobral, 2020).

Tabela 1. Técnica de metodologias activas para o ensino de História

Nº	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	CARACTERIZAÇÃO
1	Sala de aula invertida	“Um dos modelos mais interessantes de ensinar hoje é o de concentrar no ambiente virtual o que é informação básica e deixar para a sala de aula as actividades mais criativas e supervisionadas. É o que se chama de aula invertida” (MORÁN, 2015).
2	Estudo de caso	Os alunos empregam conceitos já estudados para a análise e conclusões em relação ao caso. É recomendado para possibilitar aos alunos um contacto com situações que podem ser encontradas na profissão e habituá-los a analisá-las em seus diferentes ângulos antes de tomar uma decisão (BERBEL, 2011).
3	Visita técnica	“A visita técnica consiste em uma actividade, na qual, orientados pelo professor, os alunos dirigem-se a um local específico com o intuito de desenvolver um conjunto determinado de aprendizagens” (SOUSA; LEAL, 2018).
4	Representação teatral	A dramatização gera a espontaneidade e, conseqüentemente, potencializa o aluno e o professor a transpor os conteúdos teóricos, visto que essa consiste em uma oportunidade de lidar com situações que envolvam o confronto e a resolução de

		problemas (MEDEIROS; QUEIROZ, 2018).
5	TDIC	As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na educação se têm apoiado não somente na integração das ferramentas digitais, mas também nas potencialidades que essas ferramentas podem oferecer para os seus usuários (BACICH, 2016).
6	Seminário	Pode ser definido como um grupo de estudo que discute e debate um ou mais temas, que podem ser apresentados por um ou vários alunos, sob a direcção do professor. É uma técnica de ensino socializado, na qual os alunos se reúnem em grupo com o objectivo de estudar e investigar um ou mais temas, sob a direcção do professor, que terá a função de orientar o trabalho (MALUSÁ; MELO; JÚNIOR, 2018)
7	Aprendizagem baseada em problemas	Caracterizada pelo uso de problemas da vida real para estimular o desenvolvimento do pensamento crítico e das habilidades de solução de problemas e a aquisição de conceitos fundamentais da área de conhecimento em questão (RIBEIRO).

Deste modo, Marques (1999) defende que não existe uma técnica melhor que a outra, o que existe é a mais adequada ao assunto a ser trabalhado, e mais eficiente em termos de aprendizagem. Porém, é nítido que as metodologias activas para o ensino podem contribuir significativamente no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, é relevante que esse processo metodológico seja entrelaçado no planeamento do professor de História, a fim de que seja atingido os objectivos da aprendizagem posto no currículo do referido componente.

Vale reflectir que o uso de novas estratégias metodológicas e pedagógicas não visa excluir os recursos tradicionais inserido na maioria das redes de ensino, mas,

sim inovar de forma que complementem de acordo com as necessidades pedagógicas, dentro da realidade em que cada aluno esteja inserido e sempre trazendo para essa inovação os conhecimentos já adquiridos para obter um melhor aprendizado.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. População e amostra

A população do estudo foi constituída por 15 professores que leccionam a 11^a classe no curso de Ciências Económicas e Jurídicas e Ciências Humanas e 54 alunos da 12^a classe no mesmo curso do Liceu nº 454 no município da Chibia, província da Huíla. Do universo da população foi retirada a amostra de professores que leccionam a disciplina de História na 11^a classe no curso de Ciências Económicas e Jurídicas e Ciências Humanas e 25 alunos da 12^a classe do mesmo curso do Liceu nº 454 no município da Chibia, província da Huíla.

A amostragem foi do tipo não-probabilística intencional e para a sua selecção foi tido em conta os seguintes critérios: ser professor de História, leccionar o II^o ciclo e ter frequentado a 11^a classe do curso de Ciências Económicas e Jurídicas e Ciências Humanas.

3.1. Caracterização do objecto da investigação

O presente trabalho foi realizado no Liceu nº 454, localizado no bairro da Yoba, próximo do campo desportivo Polidesportivo e do edifício histórico Antiga Placa Giratória - Ramal da Chibia. No município da Chibia.

Estruturalmente a instituição apresenta rés-do-chão e um andar. O rés-do-chão é constituído pela secretária-geral, gabinete do director-geral com toalete, sala dos professores, arquivo, auditório, enfermaria, refeitório com cozinha e dispensa, arrumos, três laboratórios (Biologia, Física e Química), uma sala de informática, três salas de aulas e cinco wc. Enquanto, o 1^o andar conta com oito salas de aulas, biblioteca e quatro wc. De realçar que a escola apresenta um espaço externo composto de portaria, quadra desportiva (multiuso), jardim no qual encontra-se a horta pedagógica, dois reservatórios de água com capacidade para cinco mil litros cada.

Quanto ao quadro de pessoal a escola conta com 78 professores, dos quais, 1 director geral, 2 subdirectores sendo 1 pedagógicos e 1 administrativo. E 700 alunos que frequentam os cursos de Ciências Humanas, Ciências Económicas e Jurídicas e Ciências Físicas e Biológicas, distribuídos nos períodos da manhã, de tarde e de noite.

3.2. População e amostra

A população do estudo foi constituída por 15 professores que leccionam a 11^a classe no curso de Ciências Económicas e Jurídicas e Ciências Humanas e 54 alunos da 12^a classe no mesmo curso do Liceu n^o 454 no município da Chibia, província da Huíla. Do universo da população foi retirada a amostra de professores que leccionam a disciplina de História na 11^a classe no curso de Ciências Económicas e Jurídicas e Ciências Humanas e 25 alunos da 12^a classe do mesmo curso do Liceu n^o 454 no município da Chibia, província da Huíla.

A amostragem foi do tipo não-probabilística intencional e para a sua selecção foi tido em conta os seguintes critérios: ser professor de História, leccionar o II^o ciclo e ter frequentado a 11^a classe do curso de Ciências Económicas e Jurídicas e Ciências Humanas.

3.2.1. Caracterização da amostra dos professores participantes da pesquisa

Tabela 2.

Variável		Nº	%
Género	M	2	50
	F	2	50
total		4	100
Grau académico	Técnico Médio	0	0
	Técnico Superior	1	25
	Licenciado	2	50
	Mestre	1	25
Toral		4	100
Temporalidade docente	1 a 10 anos	1	25
	11 a 20 anos	2	50
	20 a 30 anos	1	25
	mais de 30 anos	1	25
Total		4	100

De salientar que dos 4 professores que participaram da pesquisa 50% é do sexo masculino (que corresponde a 2 professores) e 50% dos inqueridos são do sexo feminino (o que corresponde a 2 professoras).

Para se ter uma ideia da experiência profissional dos professores e o grau de conhecimento relativamente ao conteúdo de história em estudo, bem como das metodologias utilizadas nas aulas, procurou-se saber o período temporal e o grau académico que os mesmos possuem. Assim, quanto ao tempo de serviço, os professores leccionam num espaço temporal que vai de 1 a mais de 30 anos de trabalho.

Relativamente ao grau académico, de destacar que a maioria (50%) é Liceciado. Esses dados na verdade são um bom indicador tendo em conta o nosso contexto, pois demonstram que os professores têm procurado dar continuidade a formação profissional, que aliada aos seminários e formações dadas a nível do Ministério da Educação, contribui significativamente para a formação técnico - profissional dos mesmos. Pois como defende Silepo (2011) a formação de um indivíduo é uma ferramenta que o capacita, dando-lhe habilidades de exercer determinadas tarefas no exercício das suas funções.

Ainda de acordo com o mesmo autor no caso específico da formação dos professores, a combinação da experiência profissional com a académica, isto é, a formação académica com a pedagógica é uma componente essencial que habilita o professor para o exercício profissional docente de modos a responder os desafios impostos a educação (Silepo, 2011).

3.2.2 - Caracterização da amostra dos alunos participantes da pesquisa

Tabela 3. Caracterização.

Variável		Nº	%
Género	M	11	44
	F	14	56
		25	100
Idade	16 anos	0	0
	17 anos	10	40
	18 anos	5	20
	19 anos	6	24
	20 anos	4	16
Total		4	100

De acordo os dados obtidos da tabela acima, relativamente ao género, a maioria (56%) é do sexo feminino e quanto a idade a maioria dos alunos tem em média 17 anos. Os dados biográficos dos alunos são importantes para o entendimento de

muitos aspectos sociais, entre os quais, o interesse pela história do país que a faixa etária que os alunos se encontram tem, pois como já foi referenciado anteriormente, que se verifica principalmente a nível da juventude, uma falta de conhecimento sobre nossa história.

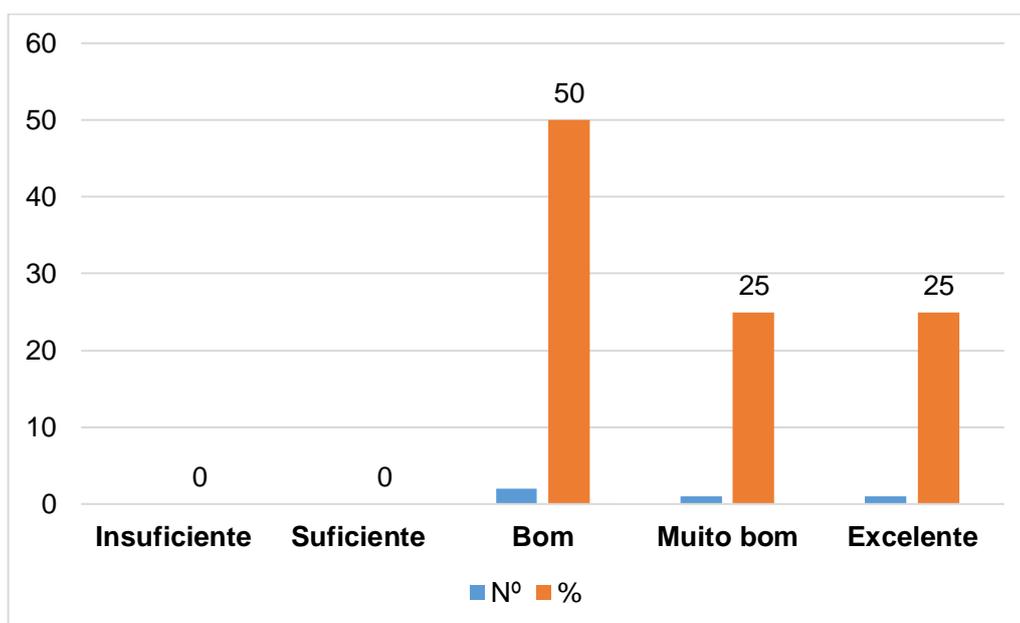
Quanto ao facto da maioria dos alunos ser do sexo feminino, os dados podem ser relacionados ao quadro geral da população angolana, onde dados recentes mostram que do total da população (35 306 052 habitantes) cerca de 17 816 672 é do sexo feminino, correspondendo (50,5%) da população de acordo com o *Pew Research Center The Global Religious Landscape (2022)*.

3.3 – Apresentação, análise e discussão dos resultados

Após questões relacionadas a aspectos pessoais e profissionais, foram colocadas questões relacionadas ao tema em estudo, cujos resultados são apresentados por meio gráficos.

Assim, foi questionado aos professores sobre o nível de conhecimento sobre a luta de libertação de Angola.

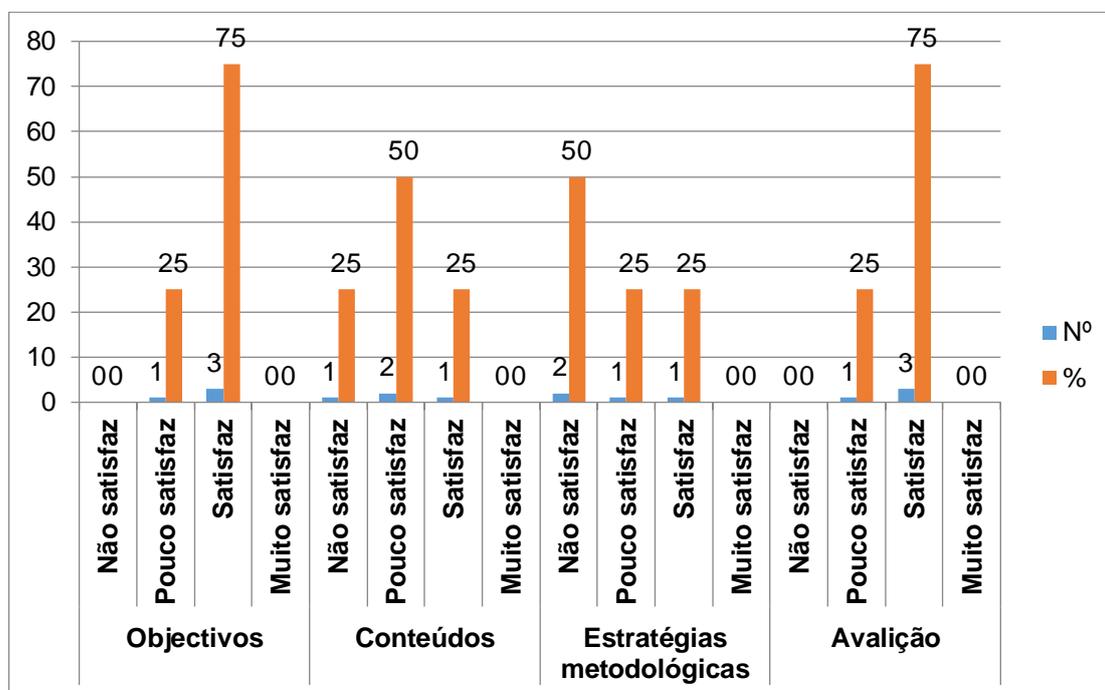
Gráfico 1. Como considera o seu nível de conhecimento sobre a luta de libertação Nacional de Angola enquadrado na Unidade V?



De acordo com a figura 1, a maioria dos professores considera ter um bom nível de conhecimento sobre a luta de libertação de Angola. Esse resultado é positivo se consideramos o papel de destaque que o professor desempenha como agente de mudanças e orientador da aprendizagem das futuras gerações é necessário que este tenha domínio dos conhecimentos que vai transmitir e orientar.

Para tal é fundamental levar sempre em conta a formação contínua pois, para Zau (2005) esta pode ser um mecanismo pelo qual se alcance a melhoria na qualidade do ensino, bem como a consequente mudança social.

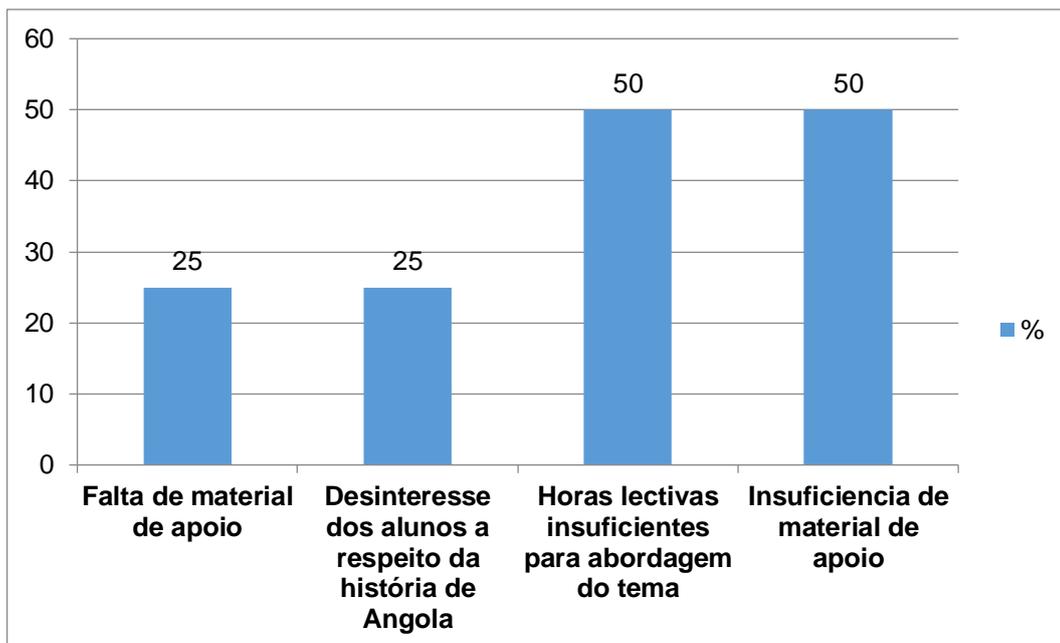
Gráfico 2: O desenvolvimento (Tratamento) didáctico-pedagógico do tema: A luta de libertação Nacional de Angola, satisfaz os itens abaixo?



Embora dos 50% professores inqueridos, tenham afirmado anteriormente ter um bom nível de conhecimento sobre a unidade V, tenha afirmado que não os mesmos, a maioria mostra-se pouco satisfeito os conteúdos e as estratégias metodológicas descritas no programa, embora considerem os objectivos traçados satisfatoriamente para abordagem do tema. Tal resultado é um dado preocupante, pois é fundamental que no ensino e aprendizagem haja a uma interacção entre a os objectivos, conteúdos, estratégias para que sejam eficazes os modelos de avaliação, de modos que intenção didáctica do professor de transformar a simples

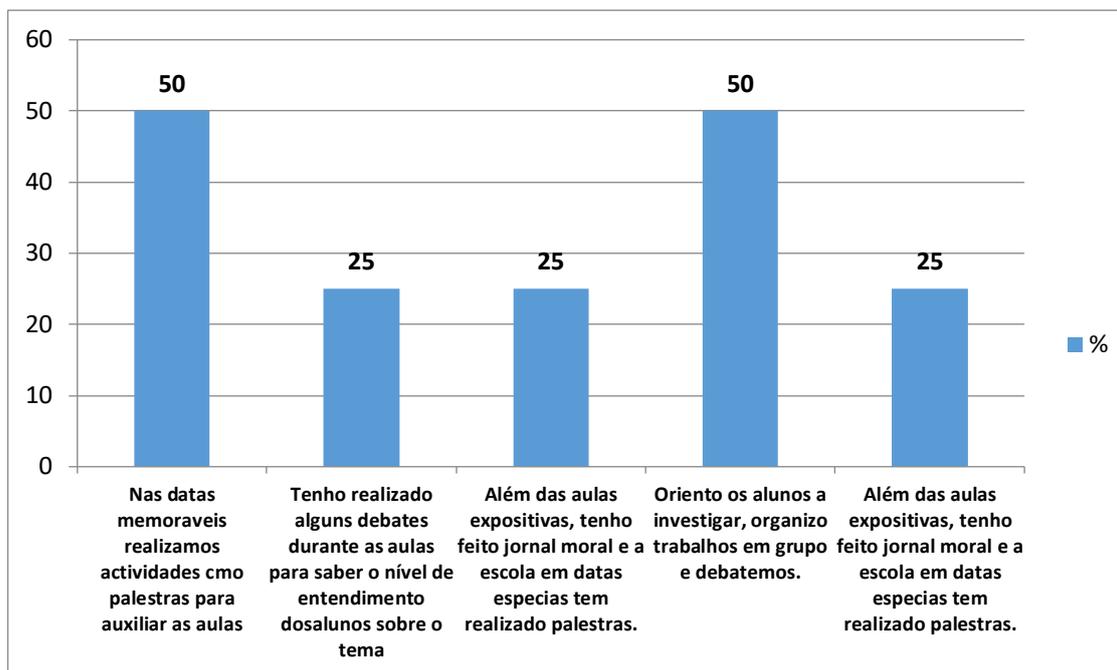
transmissão do conteúdo no desenvolvimento de competências e habilidades permitam dar mais significado ao que é aprendido na escola.

Gráfico 3. Que dificuldades têm sido encontradas no ensino do tema sobre a luta de libertação de Angola na 11ª Classe?



O resultado da figura mostram que a maioria dos participantes 50% (que corresponde a 2 professores) aponta a insuficiência de horas lectivas e de material de apoio como barreiras ou dificuldades para o ensino e aprendizagem do tema sobre a luta de libertação de Angola, o que mostra um dado negativo, uma vez que é dever do professor a busca contínua por novos saberes e estratégias de ensino e aprendizagem. No entanto, nosso contexto essas opiniões ainda são frequentes se considerarmos que ainda é comum observar um número elevado de professores que adoptam o método tradicional de ensino, no qual muitas vezes o professor se limita a transmitir os conhecimentos limitados num programa e a tarefa principal do aluno é adquirir tal conhecimento. Tal facto realça a falta de “vontade” que muitas vezes os professores demonstram de ir além do que o livro didáctico espelha, o que tem sido um ponto contra a qualidade de ensino (Brousseau, 1996).

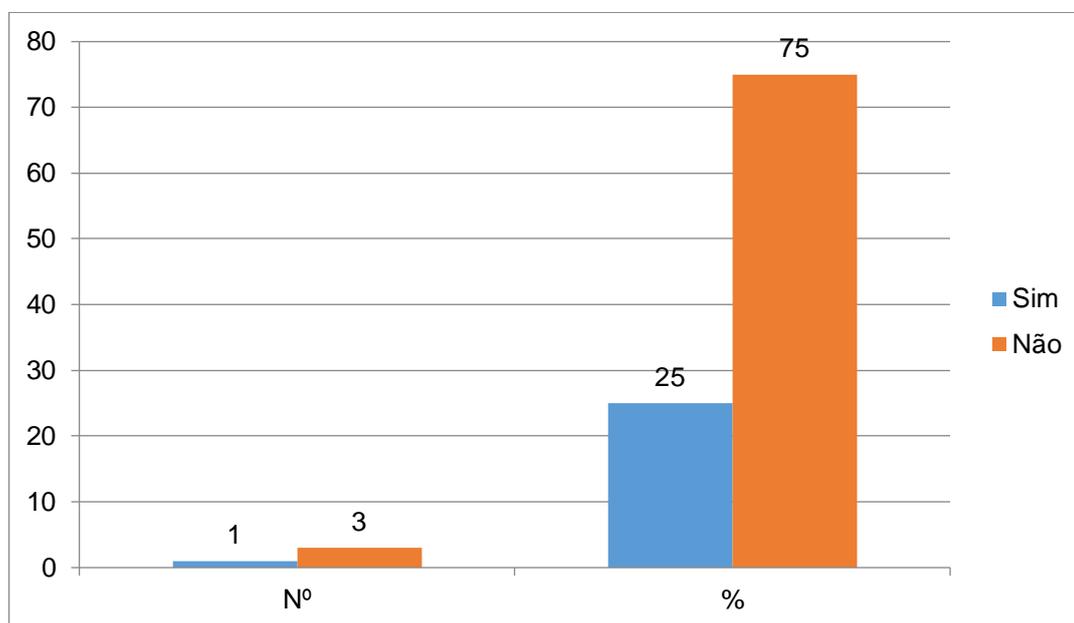
Gráfico 4. Que estratégias tem utilizado para abordagem do tema?



Os dados da figura mostram que apesar das dificuldades apontadas pelos professores anteriormente, há um esforço para minimizar tais barreiras, o que é um sinal positivo do ponto de vista didáctico-pedagógico, pois como afirma Ramos (2003) o processo de ensino-aprendizagem quando direccionado ao contexto do aluno é um importante meio de estimular a curiosidade e fortalecer a confiança do mesmo.

Nesse sentido, conforme Santomé (1998) é importante, “sempre que possível, relacionar os conhecimentos científicos com a realidade na qual o aluno está inserido, bem como com as outras áreas do conhecimento, fazendo uso, por combinando estratégias de educação formal com a não-formal com recurso a interdisciplinaridade.

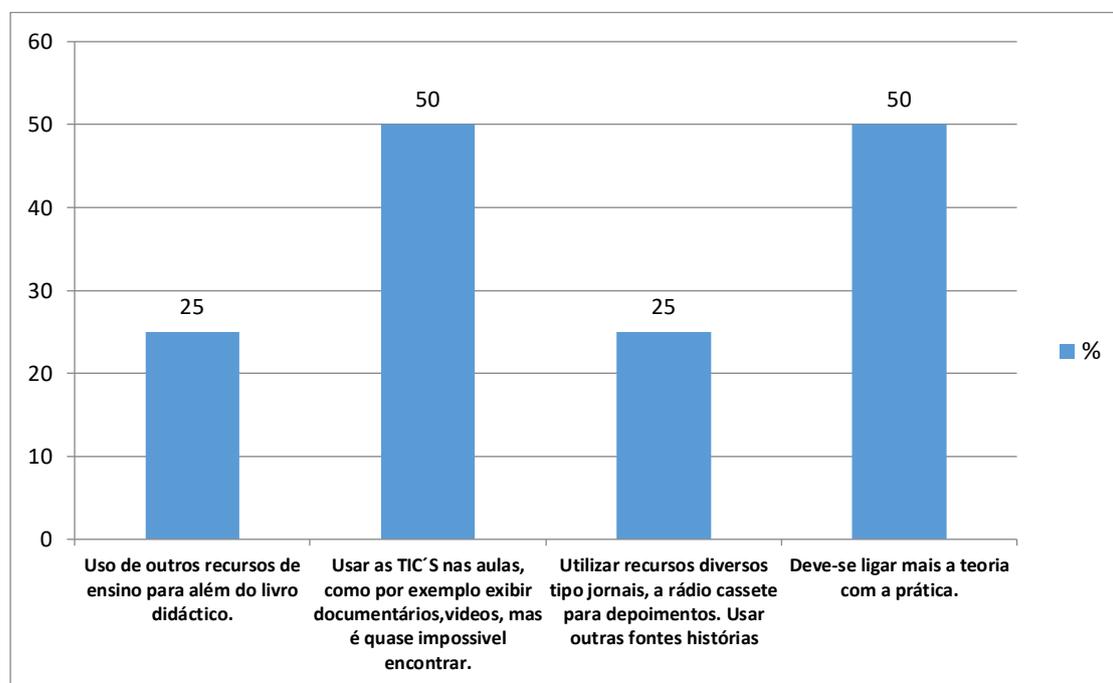
Gráfico 5. As estratégias utilizadas têm sido suficientes para responder a novos desafios do ensino da História de Angola? Justifica.



Relativamente a questão na qual se procurou saber se as estratégias utilizadas pelos professores são suficientes, de realçar que 75% dos professores responderam que não, e ao pedir que justificassem todos foram unânimes a apontar que a falta de condições técnicas da escola como internet, algumas vezes a energia eléctrica, biblioteca adequada e o meio rural onde a maioria dos alunos estão inseridos dificulta a eficácia das estratégias utilizadas. Porém as razões apresentadas pelos professores não justificam a não adopção de estratégias contextualizadas a realidade dos alunos.

Assim Freire (1996) defende que diante de situações similares, o professor deve assumir uma perspectiva ainda mais ampla, deixando de se centrar na mera tarefa de ensinar os conteúdos, mas no acto de “ensinar” e despertar no aluno o acto de reflectir ao longo da vida. Fazendo com que este perceba a necessidade de aprofundar seus conhecimentos prévios por meio de problemas que permitem gerar no aluno a necessidade de apropriação de um conhecimento que ele ainda não tem e que ainda não foi apresentado pelo professor (DELIZOICOV, 2001).

Gráfico 6. Que estratégias didáticas-metodológicas na sua opinião deveriam ser utilizadas para que os alunos da 11ª classe alcancem uma aprendizagem significativa sobre a história de libertação de Angola?



Relativamente a figura 6, as sugestões apresentadas pelos professores são pertinentes e demonstram que os mesmos têm conhecimentos de estratégias diversificadas para que haja uma aprendizagem significativa, faltando apenas aliar a teoria com a prática.

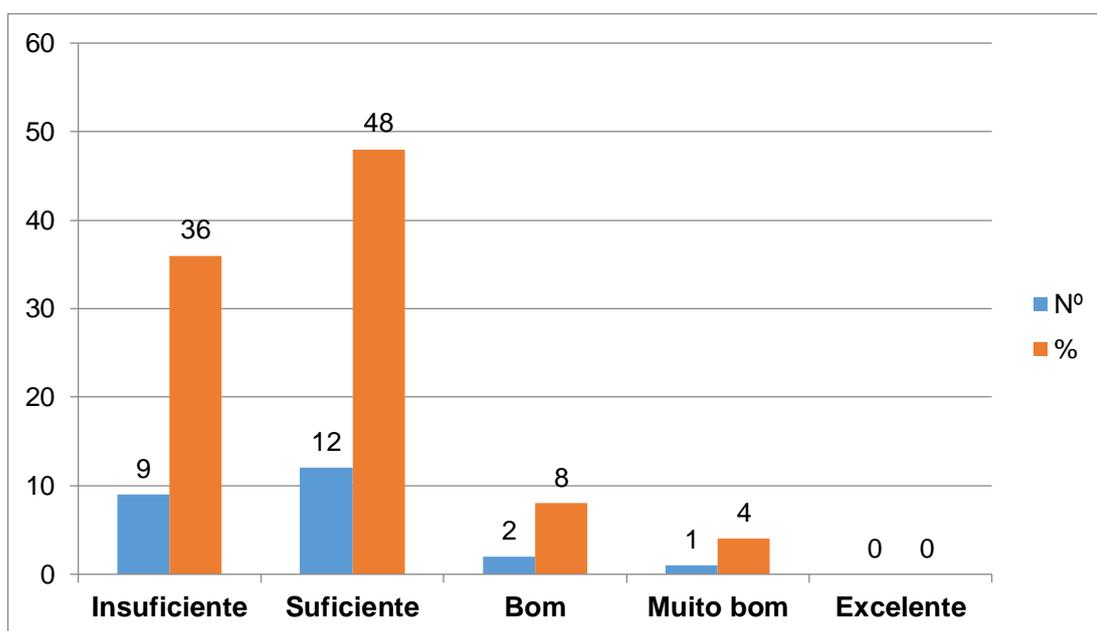
É esse sentido, que enfatizamos a importância de que durante a formação académica o futuro professor se aproprie de modelos, experiências e fundamentações teóricas e práticas que o instrumentalizem no sentido do exercício de uma prática docente diferenciada e com ousadia diante do acto de educar, pois as mudanças necessárias para a educação de qualidade se manifestam primeiro diante da quebra de paradigmas e quando professores tomam consciência destas novas perspectivas, dão o primeiro passo para a mudança e se tornam agentes transformadores (Ramos, 2003).

3.3. Apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos da aplicação do inquérito por questionário aos alunos da 12ª classe do Liceu nº 454-Chibia

O questionário feito aos alunos (Apêndice 2) se compôs de 8 questões acerca da luta pela independência de Angola, acesso a informação e perspectivas para a melhoria da abordagem do tema pelos professores. Num universo de 54 alunos, no total de duas turmas, 25 alunos responderam ao questionário. Os dados foram tabulados a partir recorrendo a análise textual discursiva.

Assim, foi questionado aos alunos o nível de conhecimento que tinham quanto a luta pela independência do país. Vale ressaltar que dos 25 inqueridos, 12 alunos que correspondem a 48% afirmam terem conhecimento suficiente sobre a temática (Figura 7).

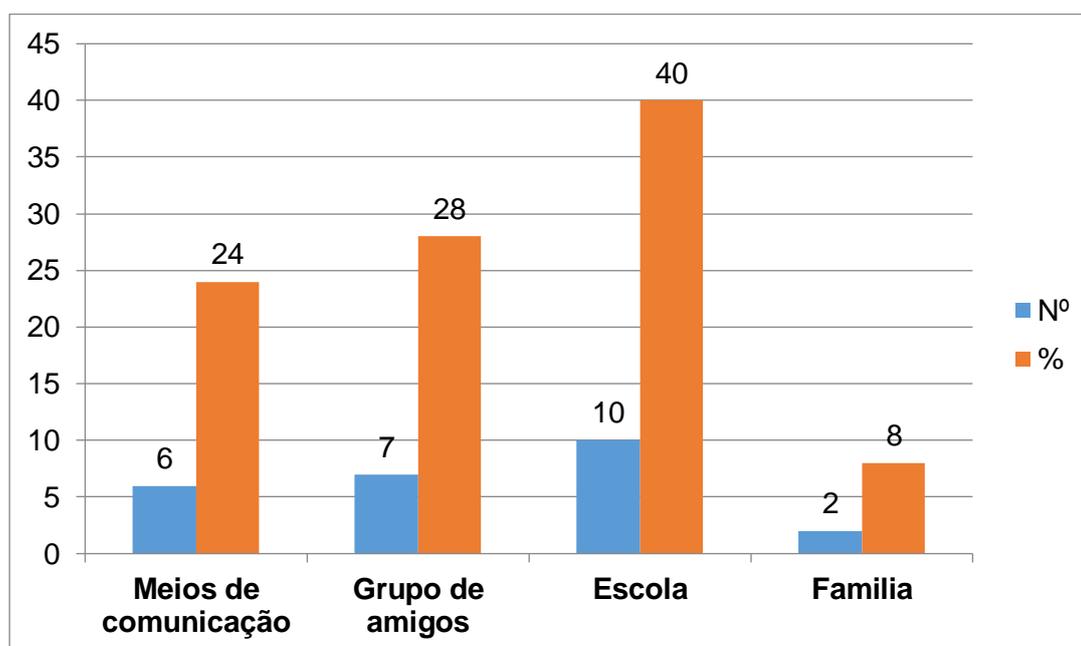
Gráfico 7. Como considera o seu nível de conhecimento em relação o tem a luta de libertação Nacional de Angola enquadrado na Unidade V?



Quanto a essa questão, os resultados espelhados na figura chamam atenção por constituírem um dado negativo, uma vez que a maioria dos alunos considera ter apenas um nível suficiente de conhecimento sobre a parte mais importante da história do país e, um número bastante significativo 38% considera insuficientes os conhecimentos que detém a cerca do tema. Na verdade, de forma infeliz esses

dados corroboram com a baixa qualidade do ensino e aprendizagem que se verifica no contexto actual, condicionada principalmente pela ideologia da juventude pelo diploma e não para a aquisição de competências.

Gráfico 8. De que fonte obteve os conhecimentos sobre a luta de libertação de Angola?

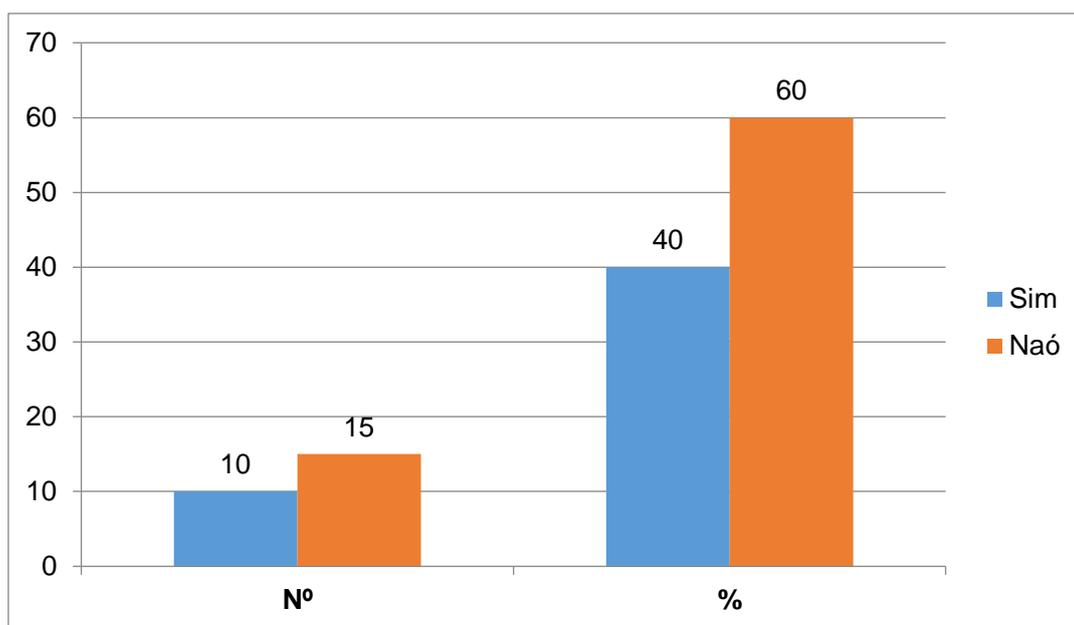


Relativamente a fonte de obtenção de conhecimento sobre a história da luta pela libertação de Angola, vale ressaltar que apesar da maioria dos alunos (40%) apontar a escola como principal fonte, é importante saber que o tema tem sido discutido em outros grupos sociais em que os alunos estão inseridos, pois como defendem Ausubel et al (1980), Novak (2000), Baldissera (1996) e Lemos (2006) o processo de ensino e de aprendizagem implica co-responsabilidade do professor e do aluno e, enfatizam que para maior eficácia no ensino, não apenas o professor, mas também o aluno deve estar ciente que existem certos conhecimentos que são quase obrigatórios que sejam do seu.

Além do que foi exposto, os resultados espelhados são um ponto positivo quanto ao papel da Escola no conhecimento sobre a cultura, o passado e o presente do país, isto se consideramos a educação como um processo contínuo que acompanha, assiste e marca o desenvolvimento do indivíduo como cidadão e que envolve a preservação e transmissão da herança cultural, rapidamente se deduz

a importância que o sistema educativo, em geral, e a escola, em particular (CARVALHO, 2015).

Gráfico 9. Durante as aulas os temas sobre a luta de libertação têm sido abordados de forma profunda pelo professor?

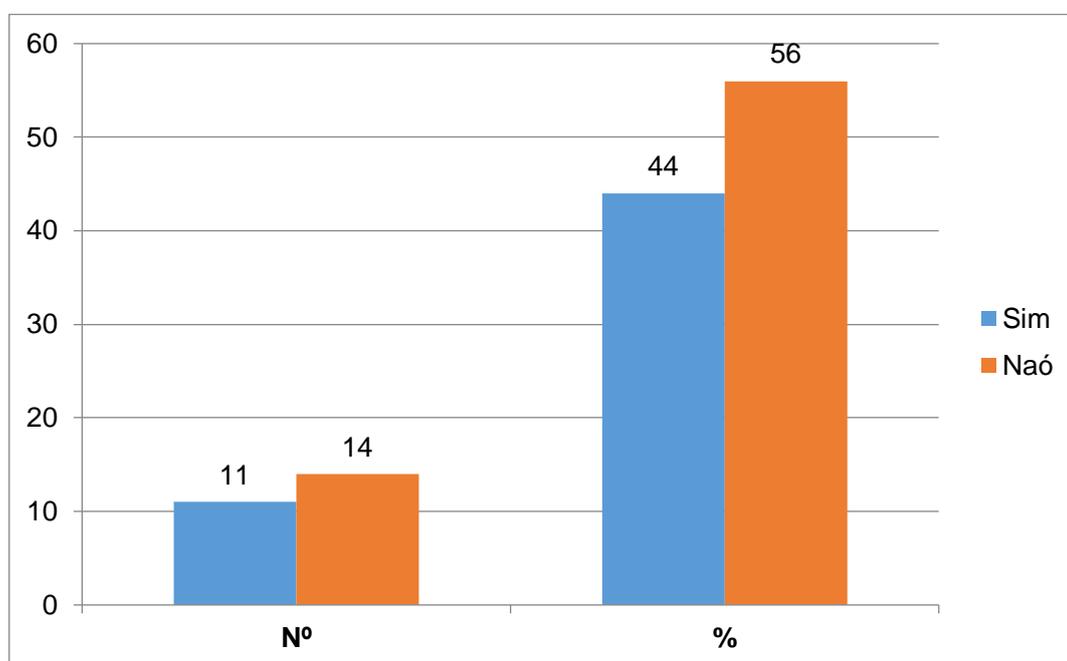


Relativamente a essa questão, embora anteriormente a maioria dos alunos tenha apontado a escola como a maior fonte da informação que têm sobre a luta pela independência do país (gráfico 8), os resultados mostram que 60% dos alunos é de opinião que os professores da disciplina de História têm abordado de forma superficial os conteúdos sobre a temática. É verdade que existem vários factores que condicionam a apreensão e compreensão dos conhecimentos pelos alunos, por isso, é necessário que o professor tome consciência que frente a uma sociedade despreocupada com a qualidade de ensino-aprendizagem, jovens desinteressados com a sua aprendizagem, com a capacidade de criar, de desafiar e de autocrítica, educar torna-se cada vez mais uma tarefa difícil e exige do professor coerência entre os conhecimentos científicos e os processos metodológicos a serem adoptados para o cumprimento dos objectivos a que se propõem a educação.

Santos (2008) propõe que o professor: “PARE DE DAR AULAS!”. Aliás, segundo ele, esse é um dos motivos do enorme desgaste que muitos professores sentem

actualmente, pois manter os alunos em silêncio atentos ao professor é muito difícil no actual contexto do mundo em constante transformação. O que o autor sugere é que o professor deverá provocar a aprendizagem, levando em conta ao planificar a aula que o mais importante é elaborar perguntas que instiguem o aluno a vivenciar a busca, a exercitar as várias possibilidades de resposta. É necessário fazer compreender o aluno que o professor não é o detentor do saber, e ensinar os mesmos a valorizar os seus conhecimentos prévios e o reconhecimento como detentores de cultura e saberes (Firmino, 2019).

Gráfico 10. Na sua opinião, os conteúdos dados são suficientes para se conhecer a história da libertação de Angola?



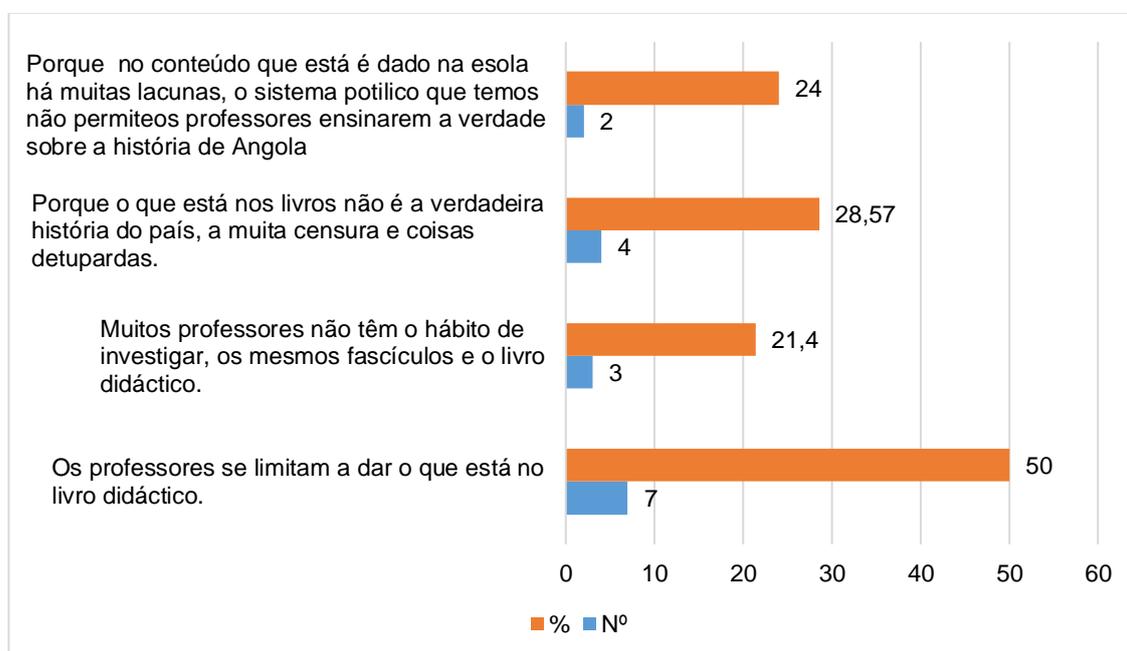
Relativamente a essa questão, conforme reflecte a gráfico 10, dos 25 alunos que participaram da pesquisa 14 são de opinião que os conteúdos ministrados em sala de aula não são suficientes para que se conheça a história do país. Esses dados chama atenção na necessidade de se discutir e repensar o ensino de História no âmbito educacional e social.

Como aponta Oliveira (2017) o conhecimento histórico deve ser preservado nos diversos contextos sociais, principalmente na escola, onde muitas vezes, o ensino de História é não interpretado correctamente pelos professores. Portanto, a aula de História pode e deve ser preparada com base em metodologias concretas e

recursos distintos, na busca por um excelente ensino de História no qual se deve analisar, reflectir e compreender verdadeiramente, que o ensino de História vai além de pequenos conhecimentos retirados dos livros didácticos, que muitas vezes.

Quando pedido para justificar, a maioria dos alunos apontou a limitação da abordagem dos conteúdos ao que contém no livro didáctico como razão da insuficiência desses conteúdos para o conhecimento da história que levou a independência do país como ilustra a gráfico 11.

Gráfico 11. Referente a justificação da resposta a questão nº 4.



Os dados da figura espelham um ponto negativo real no nosso processo de ensino e aprendizagem. A existência de professores cuja prática docente está “presa” e centrada ao livro didáctico, isto é, na realidade das escolas, o facto do livro didáctico ser meio mais prático e acessível, faz com que os professores não recorram a outros recursos, prendendo-se exclusivamente ao que o livro disponibiliza, o que condiciona muitas vezes que este ministre uma aula de qualidade.

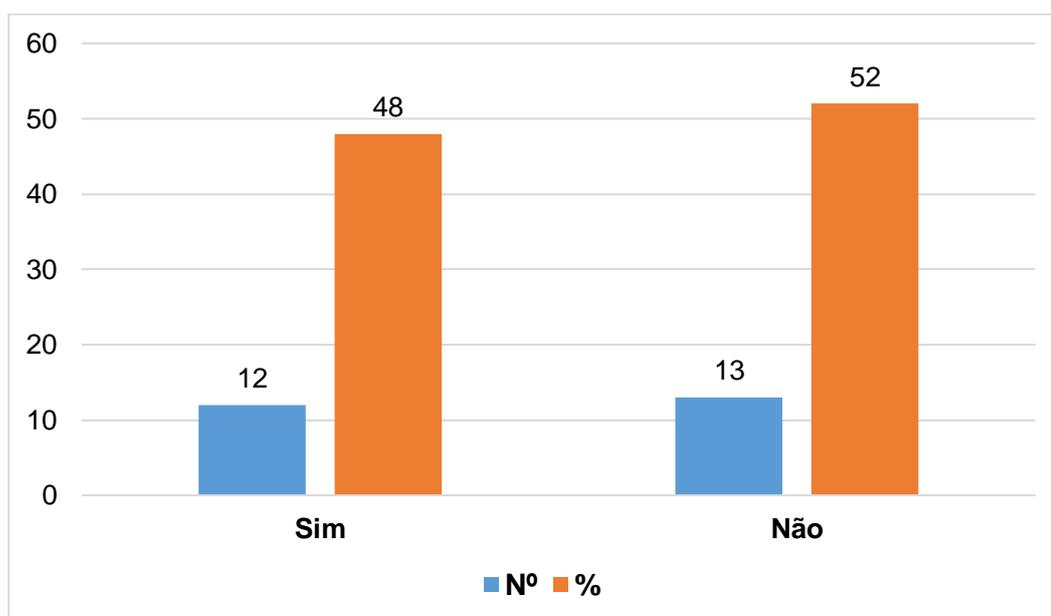
Pois indo de acordo com Filho et al. Queiroz (2014) pese embora o livro didáctico seja a principal ferramenta utilizada pelos professores em suas aulas, o profissional da educação deve levar o aluno a ampliar sua compreensão sobre os

fenómenos sobre a sua própria vida, e, ainda, sobre a utilização de produtos científicos e aspectos tecnológicos, pela sociedade. Este processo de difusão do conhecimento científico é chamado de alfabetização científica, que consiste no nível mínimo de compreensão em ciência e tecnologia que as pessoas devem ter para operar em nível básico como cidadãos e consumidores na sociedade tecnológica

E para Cândido et al., (2012) o desenvolvimento e utilização de qualquer material didático que auxilie o processo de aprendizagem dos alunos sobre um assunto específico desenvolvido em sala de aula, além, de permitir ao professor o uso de uma diversidade de elementos como suporte na organização do processo de ensino e de aprendizagem, também permite aos alunos uma aprendizagem significativa.

Seguidamente questionou-se aos alunos se tinham dificuldades e na aprendizagem do tema sobre a luta de libertação de Angola. De destacar que a maioria dos alunos inqueridos 52% afirmou que apresenta dificuldades na aprendizagem do tema (gráfico 12).

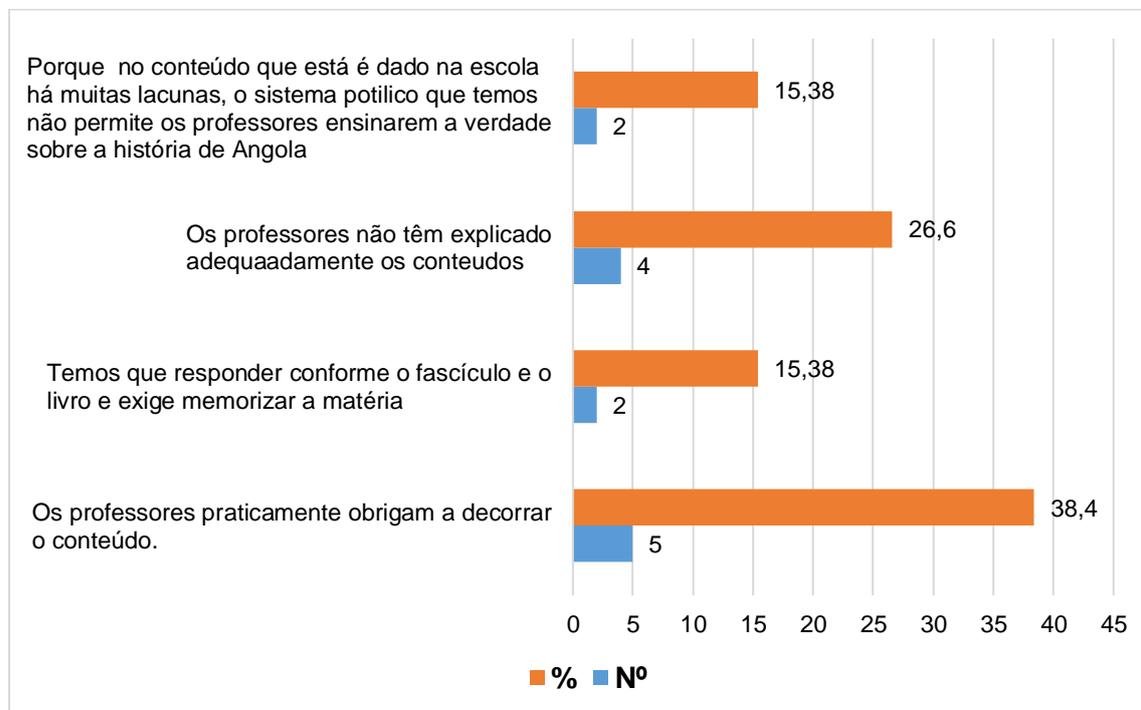
Gráfico12. Têm tido dificuldades na aprendizagem do tema sobre a luta de libertação de Angola?



Quando solicitados para justificar, de salientar que os treze (13) alunos que apontaram terem dificuldades na aprendizagem apresentaram justificações

pertinentes que devem provocar uma reflexão quanto a prática docente no contexto actual, conforme (gráfico13).

Gráfico 13. Referente a justificação da resposta a questão nº 5.

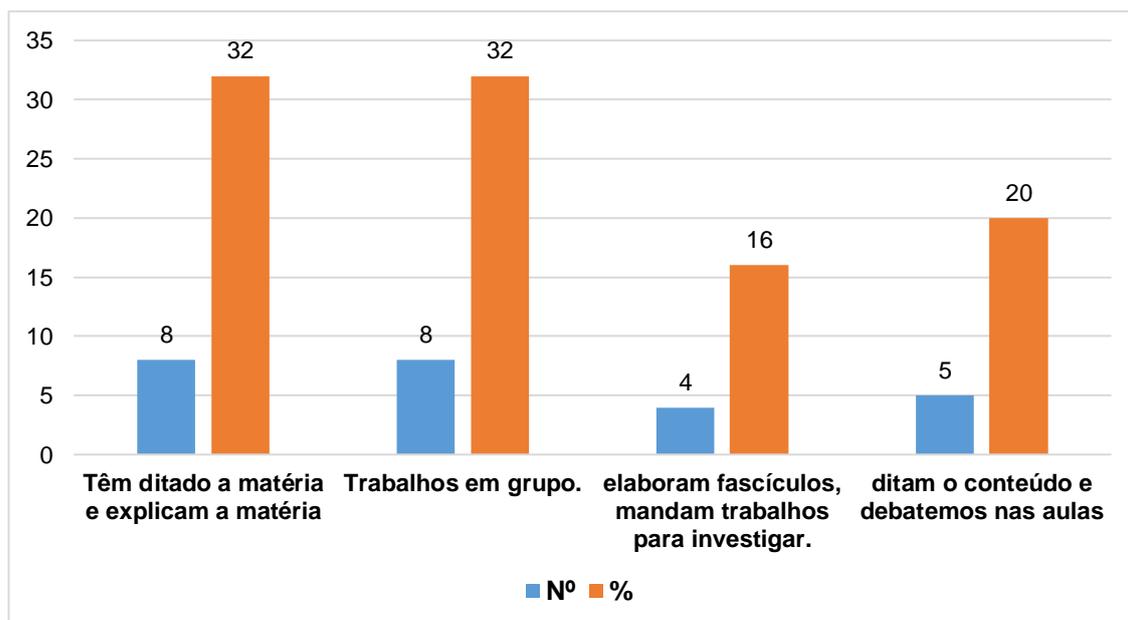


Os resultados espelhados na gráfico 13, realçam que no âmbito educacional é fundamental que o professor/educador saiba trabalhar competentemente com os educandos, isto é, o educador tem que saber promover estímulos significativos no ambiente de trabalho e no ensino-aprendizagem de História, desenvolvendo problemas de pesquisas, na busca dos alunos obterem capacidade crítica, questionar e opinar em sala de aula, onde os mesmos devem ser vistos como agente activo de seu próprio conhecimento.

Como advertem, Schmidt et all. Cainelli (2004) os conteúdos de História trabalhados no contexto formal devem estar interligados (teoria x prática), e o mais próximo possível da realidade histórica e cultural dos alunos que chegam até a escola. Ou seja, do quotidiano dos alunos. É inegável que, para que sejam ricas em significado, as aulas de História devem abarcar também, a realidade local, mais imediata.

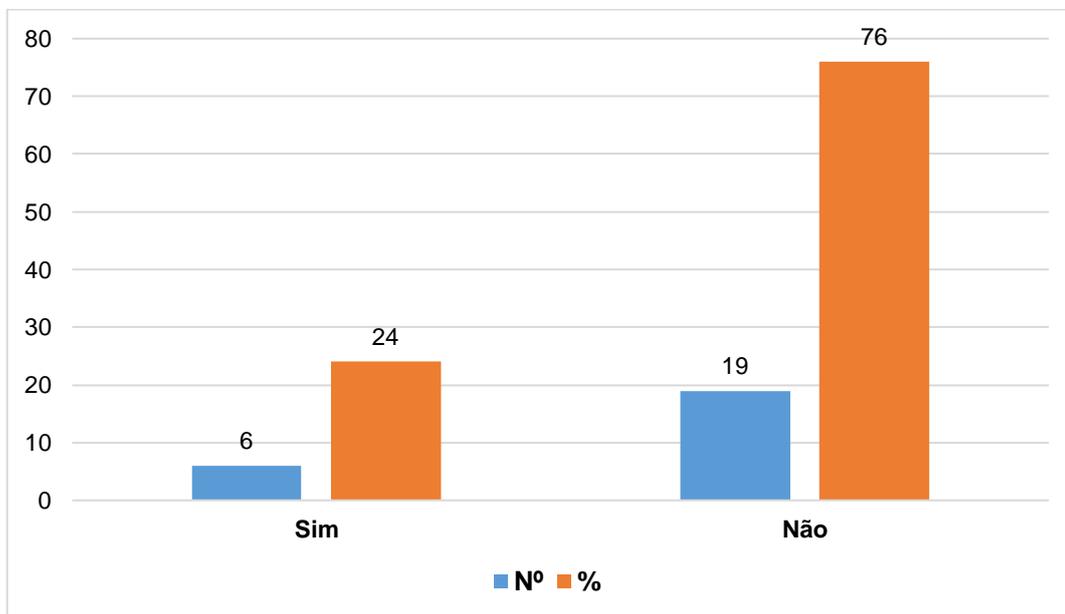
Para dar fundamento a questão nº 5, foi pedido aos alunos que mencionassem as estratégias que os professores têm utilizado para abordagem do tema da pesquisa.

Gráfico 14. Que estratégias o professor tem utilizado para abordagem deste tema?



Relativamente a essa questão, os dados da figura sugerem que os professores estão presos ao ensino tradicional (na mera transmissão-aquisição de conhecimentos) uma vez que a maioria dos alunos aponta o ditado/trabalhos em grupo como as estratégias utilizadas pelos professores. Tais resultados demonstram a necessidade de traçar novas metas para acção pedagógica de modos a orientar os alunos a pensar e a agir com autonomia na sua aprendizagem. Uma vez que, estratégias e metodologias inadequadas nunca permitem o recurso a matérias e formas de ensino compatíveis com o nível de ensino pretendido, daí, se abrirem espaços ao subjectivismo com sérios prejuízos para qualidade da formação dos alunos (SOBRAL et all. SOUSA, 2020)

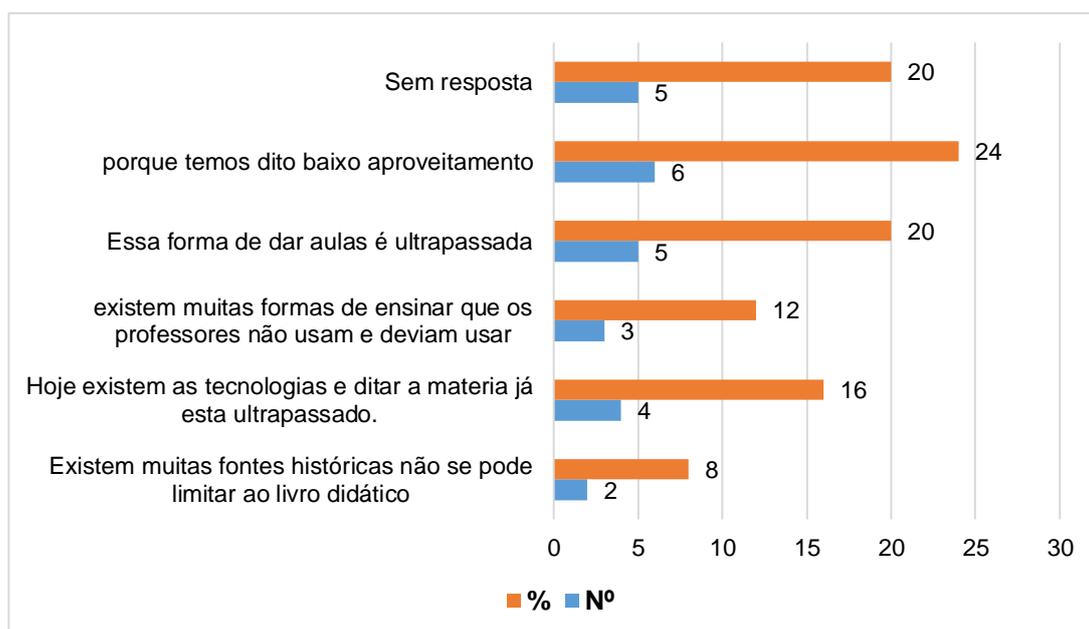
Gráfico 15. As estratégias utilizadas pelo professor têm sido suficientes/adequadas para responder a novos desafios do ensino da História de Angola?



Quanto a essa questão de destacar que 76% dos alunos é de opinião que as estratégias utilizadas pelos professores são inadequadas e insuficientes para responder a novos desafios do ensino da História de Angola. É necessário recordar que o mundo passa por transformações e a educação precisa urgentemente acompanhar esses avanços.

Quando solicitados que justificassem, de realçar que as respostas dadas sugerem que os alunos preocupam-se com o actual nível da qualidade de ensino e reconhecem que as estratégias utilizadas pelos professores é um condicionamento para o rendimento/aproveitamento escolar e o nível de aprendizagem (gráfico 16). Pois, embora haja uma diversidade de respostas quanto relativamente a questão, a maioria dos alunos aponta a necessidade de adopção de novas formas de ensino-aprendizagem e consideram as estratégias usadas como obsoletas.

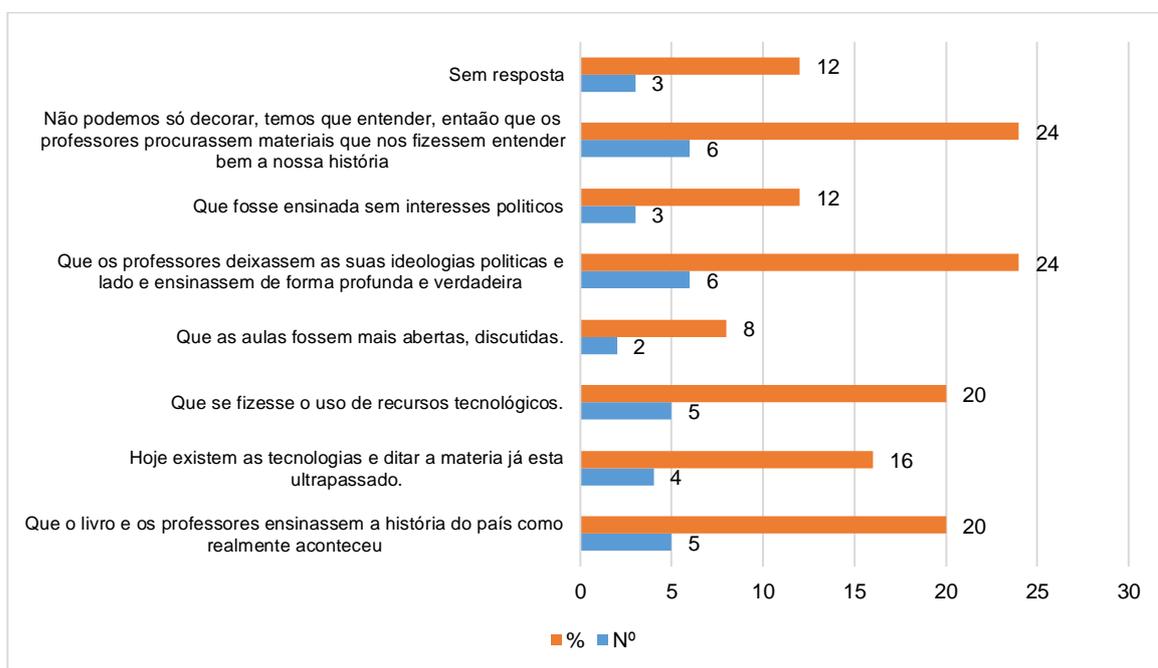
Gráfico 16. Referente a justificação da questão nº 7



Neste sentido, os dados da figura sugerem que o actual quadro mostra que o professor tem necessidade de reunir um conjunto de competências e habilidades que lhe permitam implementar estratégias didáctico-metodológicas que promovam conhecimentos significativos e permitam a construção de um ensino de qualidade.

Por isso, como apontam Sobral e Sousa (2020) a educação necessita de reestruturação para acompanhar as transformações ocorridas no mundo e os professores podem e devem fazer uso de alguns meios, métodos e estratégias norteadores que poderão auxiliá-los na construção de conhecimentos, que possibilitam a formação de competências e habilidades no processo de ensino e aprendizagem para a componente curricular História.

Gráfico 17. Na sua opinião como gostarias que fosse abordado o tema sobre a história de libertação de Angola?



As sugestões dadas pelos alunos sobre a forma como gostariam como gostariam que os professores leccionassem as aulas embora superficiais, são bastantes sugestivas. E chama de novamente a atenção sobre a necessidade da formação contínua dos professores, a superação profissional e a busca de novas competências.

Vale reflectir que o uso de novas estratégias metodológicas e pedagógicas não visa excluir os recursos tradicionais inserido na maioria das redes de ensino, mas, sim inovar de forma que complementem de acordo com as necessidades pedagógicas, dentro da realidade em que cada aluno esteja inserido e sempre trazendo para essa inovação os conhecimentos já adquiridos para obter um melhor aprendizado.

3.4. Análise da sequência didáctica do conteúdo sobre Tema V sobre a luta de Libertação de Angola no manual/programa da 11ª Classe

Com a implementação da reforma educativa, o Ministério da Educação de Angola orientou e implementou uma série de mudanças nos currículos, programas, matérias e recursos didácticos e estabeleceu como prioridade o aprimoramento dos referidos artefactos, facto que faz com que no contexto actual o país se encontre, numa fase de mudanças curriculares que visa potenciar a promoção de uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, estando unificada no desenvolvimento integrado de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e princípios éticos, isto é, na perspectivada no diálogo efectivo entre conhecimentos universais e saberes locais, ao nível do desenho, desenvolvimento e gestão curricular (INIDE-MED; Afonso 2019).

Diante do exposto, se tem verificado uma falta de critérios para a escolha das melhores estratégias de auxílio às aulas por parte dos professores, o que tem ocasionado muitas dificuldades na utilização dos recursos didácticos no contexto formal do ensino, principalmente pelo facto, da maioria dos professores usar apenas uma única fonte de consulta (o livro didáctico), o que acaba por limitar o conjunto de habilidades que o aluno tem que desenvolver durante a sua aprendizagem.

Neste âmbito, tendo em conta os objectivos traçados no trabalho, fez-se uma análise qualitativa da sequência didáctica do conteúdo sobre Tema V sobre a luta de Libertação de Angola. Para tal foram seguidos critérios qualitativos e quantitativos, tais como a presença de erros sequenciais; adequação do conteúdo científico; objectividade e volume do conteúdo e a contextualização do conteúdo com o quotidiano dos alunos.

A partir da análise dos conteúdos do programa foi possível constatar que:

- O objectivo geral está direccionado para compreensão das razões das transformações socioeconómicas dos governos coloniais após o início da Luta de Libertação Nacional em África, em particular Angola, mas da nossa análise tratando-se da luta pela independência do país como ponto fulcral,

devia estar direccionado a compreensão dos ideais e razões que conduziram a demanda pela liberdade;

- A sequencia didáctica não está adequada ao tema central, da análise feita a descolonização da Asia devia fazer parte de outro capítulo, o que haver necessidade de se rever a escolha dos conteúdos relevantes a serem estudados, com maior aprofundamento da temáticas locais não perdendo de vista as questões ligadas as dimensões internacionais;
- A selecção de conteúdos programáticos é insuficiente, mas geralmente feita segundo uma tradição de ensino que é de articulada e reintegrada em novas dimensões e de acordo com temas relevantes para o momento histórico da actual, contudo num momento que se vive um país mais democrático, o conteúdo devia ser mais abrangente e menos censurado;

No entanto, vale destacar que diante das constantes mudanças relativamente ao conhecimento científico, é necessário que os programas acompanhem também essas mudanças, isto pode ser feito através da actualização dos seus textos, por meio de consultas a publicações recentes, tendo sempre em consideração que os programas curriculares de ciências devem ser capazes de promover a reflexão sobre vários aspectos da realidade e ainda estimular o sentimento de investigação do aluno (Vasconcelos et.all. Souto, 2003; Colletto, 2005)

3.5. Sugestões de estratégias didáctico-metodológicas como contribuição para o tratamento do Tema V sobre a luta de Libertação de Angola

As estratégias metodológicas representam a técnica ou procedimentos e vias mais práticas para se alcançar os objectivos específicos.

Estratégia 1 – Aula expositiva dialogada (Adaptado de Meriguete et al, 2019)

Esta é uma estratégia alternativa as aulas meramente expositivas. Segundo Anastasiou et, all Alves (2009) “na aula expositiva dialogada o estudante participa e suas abordagens são consideradas e respeitadas independentemente da procedência e pertinência.

Objectivo

Recolher e organizar as informações prévias dos alunos baseadas na interpretação, comparação e raciocínio lógico e crítico sobre os temas a serem desenvolvidos nas aulas.

Como funciona?

Nessa estratégia, o professor começa com a exploração ideológica dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema que se pretende abordar, como por exemplo, no tema: O prelúdio do início da luta armada, «4 de Janeiro de 1961. Neste sentido, o professor procura saber dos alunos se por exemplo alguém sabe onde é a Baixa de Cassanje ou já esteve no lugar, se alguma vez alguém já assistiu um documentário sobre o tema.

Esses aspectos serão importantes para que o aluno venha se situar na abordagem do tema em estudo. Tudo isto poderá ser feito por meio do diálogo, questionários, levantamento e resolução de situações problemáticas sobre o tema a ser estudado.

Modalidade de avaliação

Para essa estratégia, a avaliação será aquela considerada como diagnóstica e formativa, por meio da observação e análise da participação do aluno quanto a sua capacidade cognitiva e lógica na exposição de um determinado assunto (por exemplo, a medida que ele vai expondo suas experiências vividas quanto ao tema ou assunto que esteja a ser tratado), além disso, com essa estratégia o professor avalia o nível de língua usada e a participação do aluno. Tudo isto ajudará o professor a ter uma noção de como desenvolver o conteúdo que se pretende abordar.

Estratégia 2: Phillips 66 (Adaptado de Bordenave et, all Pereira, 1978)

Nessa estratégia o professor forma pequenos grupos para análise e desenvolvimento de um tema ou problema levantado pelo professor, tendo em conta a situação contextual.

Assim, tendo em conta os diversos temas da 11ª classe, o professor situa os alunos por exemplo numa determinada localidade (por exemplo, um lugar de

Angola que tenha muito significado para a história do país) e, através da formação de pequenos grupos (aí a atenção e responsabilidade de cada um será maior), o professor levanta alguns assuntos a respeito para que sejam discutidos, como por exemplo: O ideal da libertação.).

Objectivo

Enfatizar a cooperação e interacção entre os alunos, o desenvolvimento de habilidades para organização, análise, interpretação e explicação de dados.

Procedimentos metodológicos

- Os alunos são agrupados em número de 6 membros
- Cada grupo recebe um tema relacionado a uma situação problemática do quotidiano de acordo ao conteúdo em estudo;
- Atribui-se um tempo regulamentar (em média 6 minutos) para análise, interpretação e explicação do assunto.

Obs: Nessas actividades, o professor orienta mediante um suporte teórico sobre os assuntos a seres discutidos e, finalmente fará uma consolidação.

Etapa da avaliação

Esta etapa será baseada nos objectivos da estratégia. Desse modo, serão avaliados o envolvimento e participação dos alunos nos grupos, o desempenho de cada um segundo seu papel no grupo, a pertinência das questões formuladas no grupo com base no tema proposto, bem como, a auto avaliação de cada um.

Estratégia 3 – Utilização de Mapas Conceptuais (adaptado por Novak et, all Gowin, 2010).

Os mapas conceptuais foram desenvolvidos nos anos 70 por Novak e seus colaboradores (Gregório, 2016).

Mapa conceptual segundo Novak e Gowin (1988), citados por Gregório (2016), “é um recurso esquemático para representar um conjunto de significados conceptuais incluídos numa estrutura de proposições”.

Os mapas conceptuais são ferramentas que, devidamente aplicadas promovem uma aprendizagem significativa, isto é, quando o aluno compreende os conceitos

e seja capaz de encontrar aspectos relacionados (ligação entre os conceitos e preposições).

Objectivo

Desenvolver nos alunos a capacidade e habilidade de interpretar e organizar os conteúdos de forma lógica.

Procedimentos metodológicos

Nesta estratégia, o professor selecciona o conteúdo a ser abordado, de seguida, aos alunos são propostos a identificar os conceitos chaves do conteúdo abordado. Neste sentido, o professor orienta os alunos a procurarem identificar os aspectos que lhes parecem ser mais importante, isto tendo em conta a ordem de importância; os aspectos conceptuais mais específicos; Estabelecer relações entre os conceitos.

Este trabalho pode ser feito de forma individual ou em grupo. Contudo, sempre orientado pelo professor para dar algum suporte em caso de esclarecimento de dúvidas.

Avaliação

Esta categoria será feita na base dos aspectos qualitativos, isto é, a capacidade de apresentar conceitos claros, relações entre conceitos devidamente justificadas, criatividade na organização, estética e riqueza do conteúdo trabalhado.

Estratégia 4: Estudo de caso (Adaptado de Meriguete et, all, 2019)

É a análise minuciosa e objectiva de uma situação real que necessita ser investigada e é desafiadora para os envolvidos. Pode ser de um ambiente quotidiano do aluno.

Objectivo

Estratégias como essa mobilizam habilidades de análise, interpretação, pensamento crítico, levantamento de hipóteses, explicação, resumo.

Funcionalidade

O professor expõe o caso a ser estudado (distribui e lê o problema com os estudantes).

Pode ser um caso para cada grupo ou o mesmo caso para todos os grupos.

O grupo analisa o caso expondo seus pontos de vista e os aspectos do problema que vão ser enfocados (decisão colectiva).O professor retoma os pontos principais, analisando colectivamente as soluções propostas.

O grupo discute as soluções, elegendo as melhores conclusões.

O papel do professor é seleccionar o material de estudo, apresentar um roteiro de trabalho, orientar os grupos no decorrer do trabalho e mediar a argumentação apresentada pelos alunos, que deverão justificar suas preposições mediante ao conhecimento científico que dispõe.

Modelo de avaliação

Você pode avaliar por meio de fichas com critérios a serem considerados. Como por exemplo aplicação dos conhecimentos (a argumentação explícita aos conhecimentos produzidos a partir dos conteúdos); relação entre o argumento do aluno e o problema proposto e riqueza na argumentação (profundidade e variedade de informações) e capacidade de síntese.

Estratégia 5: Trabalho prático

Trabalha com a concepção de conhecimento e ciência em que a dúvida e a crítica, assim como a construção colectiva do conhecimento, são elementos fundamentais. levando o aluno a aplicar os conhecimentos prévios e adquiridos em sala de aula, na componente prática.

Exemplo de uma actividade prática para a 11ª classe

O papel da mulher na luta de libertação de Angola, analisando os factores que contribuíram para a invisibilidade das mulheres que integraram a Associação das Mulheres Angolanas (AMA), da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), e a Liga Independente de Mulheres Angolanas (LIMA), da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

Objectivo

Mostrar o quanto as mulheres contribuíram a luta pela independência em Angola no período de 1961 a 1975.

Através de uma pesquisa documental: jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais.

Procedimento

Através de uma pesquisa documental: jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais.

Discussão

Através de redacção e exposição o aluno apresenta os resultados do trabalho feito?

Modelo de avaliação

Através da realização de relatório sobre do trabalho de campo.

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

CONCLUSÕES

A educação constitui a tarefa permanente para a compreensão das realidades históricas dos povos. As referências que se fizeram da sociedade angolana no domínio da educação, em geral, e no ensino da História em particular, não dispensam a profunda reflexão dos seus contextos social e político, do papel importante que desempenha para o funcionamento e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem em História e do lugar básico que ocupa na formação e união dos angolanos. Assim tendo em conta os objectivos traçados, podemos que concluir que:

- Embora 50% dos professores consideram ser bom o seu nível de conhecimento sobre a luta de libertação de Angola e 48% dos alunos afirmam ter um nível de conhecimento suficiente sobre o assunto e ainda apontarem a escola como principal fonte do tal conhecimento, é necessário que se busque ferramentas didácticas e bom planeamento de abordagem, uma vez que 50% dos professores apontou que tem encontrado dificuldades no tratamento do tema por insuficiência de horas lectivas e material didáctico, por sua vez, 60% dos alunos é de opinião que os professores da disciplina de História têm abordado de forma superficial os conteúdos, facto que faz com que os alunos limitem-se a decorar.
- Há necessidade de se trabalhar nos conteúdos sobre a história da luta de libertação, pois 50% dos professores considera que os conteúdos pouco satisfazem o desenvolvimento didáctico-pedagógico do tema e os alunos acreditam que os conteúdos presentes no livro didácticos não são suficientes para conhecer a história do país, pois estão censurados e não reflectem na totalidade a verdadeira história da libertação de Angola.
- É crucial e urgente que os professores repensem e adoptem novas estratégias didáctico-metodológicas no ensino da História, considerando que apesar de 50% dos professores inqueridos afirmarem que para além das aulas nas datas memoráveis têm feito

outras actividades como palestras, debates ou trabalhos em grupos, a maioria dos alunos aponta o ditado como a estratégia mais utilizada pelos professores.

- Da análise feita nos conteúdos programáticos sobre Tema V sobre a luta de Libertação de Angola no manual/programa da 11ª Classe, é possível constatar que não há clareza no objectivo geral, daí que, o tratamento do tema não deixa lacunas, facto que não leva de forma significativa a compreensão dos ideais e razões que conduziram a demanda pela liberdade;
- Ainda da análise feita aos conteúdos programáticos, conclui-se que há um desencontro entre a sequência didáctica e o tema central. Desajuste este, causado pelo facto da descolonização da Ásia fazer parte do capítulo, ficando fora do contexto. Outrossim, a selecção dos conteúdos é insuficiente, tendo em conta o momento que se vive, de um país mais democrático, o conteúdo devia ser mais abrangente e menos censurado.

SUGESTÕES

Tendo em conta as conclusões extraídas através dos resultados alcançados, sugere-se:

- Que a nível das ZIP's e coordenação da escola se organizem regularmente seminários, palestras, debates, conferências científicas e outras actividades histórico-pedagógicas, abarcando temáticas, que retractam o passado e presente de Angola.
- Que através dos encontros realizados pelas ZIP's nas planificações, a coordenação da disciplina de História a espelho do material elaborado por meio deste trabalho, realize a elaboração de textos, folhetos, *posters* e outros materiais que serviam de ferramenta de auxílio na abordagem de temas sobre a história de Angola, em particular da luta pela libertação do país.
- Que a coordenação da disciplina de história, no quadro da formação dos professores em exercício que realize de forma periódica encontros metodológicos, de forma a dosificar os conteúdos programáticos, e adequar os temas a ministrar nas aulas, permitindo assim a actualização e a uniformização dos conteúdos, bem como, actualização de estratégias metodológicas de forma a se alcançar uma aprendizagem significativa.
- Ainda, a nível das ZIP's, da Coordenação e dos professores que seja revisto a escolha dos conteúdos relevantes a serem estudados, com maior aprofundamento das temáticas locais não perdendo de vista as questões ligadas às dimensões internacionais de modo a promover a reflexão sobre vários aspectos da realidade desconhecida da história do país e ainda estimular a curiosidade, senso crítico e o interesse de investigação do aluno.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, M. (2019) Saberes e experiências curriculares em Angola: bases teóricas, resultados e perspectivas de mudança. In INIDE- MED (Org.). Jango de saberes e experiências curriculares (Angola, Brasil, Moçambique e Portugal). Luanda: Mensagem Editora.
- Ausubel, D. P.; Novak, J. D. & Hanesian, H. (1980) Psicologia Educacional. Trad. De Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana.
- Baldissera, J. (1996) O ensino e a aprendizagem em História e os mapas conceituais. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – PUC, Porto Alegre.
- Bittencourt, C. M. F. (2018), *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 5. ed. São Paulo: Cortez.
- Cândido C., Prampero C. A. & Ramos, P. A. (2012) *Recursos de ensino e aprendizagem: Elaboração de um material didáctico sobre o tema artrópode destinado a alunos do ensino fundamental e médio. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 5 v. 5 n. 10, p. 83-91, jan-jun 2012 ISSN: 1982-4440*
- Canário, R. (2001), Fazer da formação um projecto: Mudar as escolas ou os centros de formação? *Revista portuguesa de formação de professores*, vol. 1, pp.133-134
- Carvalho, F. & Sílvia, A. (2000) Angola: vivências femininas de uma guerra sem fim. **I Simpósio Internacional: O Desafio da Diferença. Salvador: UFBA, GT-3.**
- Carvalho, M. M. (2005) Pedagogia da Escola Nova e os usos do impresso: itinerários de uma investigação. *Educação (UFES)*, Santa Maria, v. 30, n.2, p. 87-105, 2005.
- Chimuco, S. (2015). *A formação inicial de professores em Angola no contexto da reforma educativa: Desafios e necessidades*. Braga: Universidade do Minho.

- Day, C. (2001) *Desenvolvimento de professores: Os desafios da aprendizagem permanente*. Porto: Porto Editora.
- Eduardo, C. J. (2009) *Metodologia do trabalho científico*. Lisboa. 2ª Edição. Escolar Editora.
- Filho R. A. P. & Queiroz, S. M. (2014) Propostas de actividades experimentais em livros didácticos de Ciências, adoptadas por escolas estaduais do município de Barreiras – Bahia. Brasil: *a ecologia em questão. SBenBio, nº 7, p. 6154-6157*
- Firmino, F. M. (2019) a valorização dos saberes do aluno nos conteúdos curriculares do Centro de Educação de Jovens e Adultos-CEJA de Juazeiro. Norte-Ce.
- Freire, P. (2018) *Pedagogia do oprimido*. Porto: Edições Afrontamento
- Guerra, J. P. (1994) *Memórias das Guerras Coloniais*, Porto: Edições Afrontamento
- Leite, T. F. (2008) *Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros*. Ideias e Letras. Aparecida, SP.
- Lemos, E. S. (2006) A aprendizagem significativa: estratégias facilitadoras e avaliação. In: Dossiê do I Encontro Nacional de Aprendizagem Significativa. *Série Estudos, UCDB, n. 21, p. 53-66, jun/2006*. Campo Grande-MS.
- Lucas, O. I (2021) A participação da Mulher na luta pela independência em Angola (1961-1975). Unilab. São Francisco do Conde.
- Marconi, L. & Lakatos. (2003) *Técnicas de pesquisas*. São Paulo.
- Menezes, S. (2000) *Mamma Angola: Sociedade e Economia de um País Nascente*. São Paulo: Edusp.
- Mesquita, J. P. & Matta, A. E. R. (2017) *Metodologia activa para ensino de História: experiência de formação na graduação em história a distância da UNEB*.
- Ngaba, A. (2012). *Políticas educativas em Angola (1975-2005): Entre o global e o local: O sistema educativo mundial*. Mbanza-Kongo: Sedieca
- Novak J. D. (2000) *A Aprender, criar e utilizar o conhecimento*. Lisboa: Plátano Ed. Técnicas..

- Nsiangengo, P. (1997) Currículo de História no ensino básico angolano- influências, divergências e problemas actuais. Universidade de Aveiro
- Oliveira, R. M. (2017) História: a necessidade de repensar o ensino de história no âmbito educacional e social. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Edição 05. Ano 02, Vol. 01. pp 408-433, Julho de 2017. ISSN:2448-0959*
- Paredes, M. D. R. (2010) da família Metodista à família MPLA, o papel da cultura na política. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 20, p. 11-26, 2010
- Perrenoud, P. (2013) A Ferida mais proximo do sol ambivalências e resistências face à postura reflexiva. Em Margarite Altet, Julie Desjardins, Richard Etienne, Léopold Paquay & Philippe Perrenoud, *Formar professores reflexivos* (pp. 95-112). Lisboa: Edições Piaget.
- Pimenta, L. T. B (2014) Guerra Civil Em Angola: Uma Disputa Pelo Poder. Viçosa – Minas Gerais.
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013) Metodologia de trabalho científico: métodos e técnicas de trabalho académico, 2ª Edição, Universidade Feevale, Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul – Brasil
- Silva, A. C. M. (2018) Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. *NEARI EM REVISTA | V.4N.5 2018.1 | ISS 2447-2646*
- Silva, A. C. M (2018) Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. *Neari em Revista. V.4 N.5 2018.1 | ISS 2447-2646*
- Silva, I. P. F (2019) Formação de professores em Angola: concepções e práticas em contexto de cooperação para o desenvolvimento. Tese apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Schimidt, M. A. & Cainelli, M. (2013) Ensinar História. São Paulo: Scipione._____. **A Formação de professores de história e o cotidiano da sala de aula**. In: Bittencourt, Circe (Org.). O saber histórico em sala de aula. São Paulo: Contexto.

- Sobral, M. A. C. Sousa, J. O (2020) Metodologias activas para o ensino de História: uma análise no documento curricular de Roraima. VII Congresso Nacional de Educação.
- Visentini, P. G. F. (2012) As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Editora UNESP
- Zau, F. (2002) **Angola**: trilhos para o desenvolvimento. Universidade Aberta, 2002.

Consulta internet

- Cunha, A. (2020) “Processo dos 50”: memórias da luta clandestina pela independência de Angola» Revista *Angolana de Sociologia* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 13 dezembro 2013, consultado no dia 21 dezembro 2020. URL: <http://journals.openedition.org/ras/543>; DOI : <https://doi.org/10.4000/ras.543>
- Cruz, J. (2019). *O papel das instituições de formação inicial de professores na criação e desenvolvimento de competências tic: o caso do ISCED - Benguela*. Lisboa: Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/38921>
- Gando, J. N. L. (2021) A Formação Contínua dos Professores na Província do Cuanza-Sul: funcionamento do sistema e aspectos da vida pessoal, profissional e social dos professores. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade do Porto de <http://hdl.handle.net/1822/36558> acesso aos 20 de abril de 2022.
- Liberato, E. (2014) Avanços e retrocessos da educação em Angola. *Revista Brasileira de Educação*, 19(59), 1003-1031. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782014000900010>
- Menezes, U.T. B. (1998) Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, v. 11, n. 21, p. 89-104, jul. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067>>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- Nicolau, M. & Monteagudo, J. (2019) Training and educational practice of secondary school teachers in Lubango, Angola. *Educação e Pesqui. São Paulo*, 45, 1-18. <https://doi.org/10.1590/s1678-463420194519199>

- Silepo, C. (2011) *A formação de professores do primeiro ciclo do ensino secundário em Angola: O caso do Instituto Garcia Neto (1975-2009)*. Obtido de <http://hdl.handle.net/10216/56135> acesso aos 11 de junho de 2022.
- Valente, J.; Almeida, M. E. B. & Geraldini, A. F. S. (2017) “Metodologias Ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino”. *Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v. 17, n. 52, 2017*. Disponível em:
<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/9900>. Acesso em 05/06/2022.
- Zau, F. (2005) *O professor do ensino primário e o desenvolvimento dos recursos humanos em Angola: Uma visão prospectiva*. Lisboa: Universidade Aberta. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.2/2468>

ANEXOS

Anexo 1. Inquérito por questionário aplicado aos Professores de História do Liceu nº 454_Chibia



**Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla
(ISCED-HUÍLA)**

**INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO APLICADOS AOS PROFESSORES DO
LICEU Nº 454 CHIBIA**

Caro Professor,

O presente inquérito faz parte de um projecto para a realização do trabalho de fim de curso, para a obtenção do grau de Licenciado em Ensino de História. Cujá finalidade é adquirir a sua opinião sobre **a Luta de Libertação Nacional em Angola 1961-1974, tratamento metodológico do tema na 11ª classe no Liceu Nº 454**. Comprometemo-nos a manter o inquérito em total sigilo e anonimato.

I. DADOS PESSOAIS

Género____

Grau académico_____

Temporalidade docente_____

II. QUESTÕES:

1. Como considera o seu nível de conhecimento sobre a luta de libertação Nacional de Angola enquadrado na Unidade V?

Insuficiente_____

Suficiente_____

Bom_____

Muito bom_____

Excelente_____

2. O desenvolvimento (Tratamento) didáctico-pedagógico do tema: A luta de libertação Nacional de Angola, satisfaz os itens abaixo?
Classifica assinalando com X

Desenvolvimento educativo	Não satisfaz	Pouco satisfaz	Satisfaz	Muito satisfaz
Objectivos				
Conteúdos				
Estratégias metodológicas				
Avaliação				

3. Que dificuldades têm sido encontradas no ensino do tema sobre a luta de libertação de Angola na 11ª Classe?

4. Que estratégias têm utilizado para abordagem do tema?

5. As estratégias utilizadas têm sido suficientes para responder a novos desafios do ensino da História de Angola? Sim_____ Não_____.

Justifica

6. Que estratégias didáticas-metodológicas na sua opinião deveriam ser utilizadas para que os alunos da 11^a classe alcancem uma aprendizagem significativa sobre a história de libertação de Angola?

Muito obrigado pela vossa prestimosa colaboração!

O Autor

Luís Aurélio E. Chivela

Anexo 2. Inquérito por questionário aplicado aos alunos da 12ª classe/
C.E.J e C.H do Liceu nº 454_Chibia



**Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla
(ISCED-HUÍLA)**

**INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO APLICADOS AOS ALUNOS 11ª CEJ
DO LICEU Nº 454 CHIBIA**

Estimado aluno,

O presente inquérito faz parte de um projecto para a realização do trabalho de fim de curso, para a obtenção do grau de Licenciado em Ensino de História. Cuja finalidade é adquirir a sua opinião sobre **a Luta de Libertação Nacional em Angola 1961-1974, tratamento metodológico do tema na 11ª classe no Liceu Nº 454**. Comprometemo-nos a manter o inquérito em total sigilo e anonimato.

II. DADOS PESSOAIS

Género ____

Idade ____

II. QUESTÕES:

Assinale com X as questões de múltipla escolha.

1. Sobre o tema: A luta de libertação de Angola enquadrado na Unidade V, considera o seu nível de conhecimento:

Insuficiente_____

Suficiente_____

Bom_____

Muito bom_____

Excelente_____

2. De que fonte obteve os conhecimentos sobre a luta de libertação de Angola

Meios de comunicação_____

Grupos de amigos_____

Escola_____

Família_____

3. Durante as aulas os temas sobre a luta de libertação têm sido abordados de forma profunda pelo professor?

4. Na sua opinião, os conteúdos dados são suficientes para se conhecer a história da libertação de Angola? Sim_____ Não_____.

Justifica

5. Têm tido dificuldades na aprendizagem do tema sobre a luta de libertação de Angola? Justifica

6. Que estratégias o professor tem utilizado para abordagem deste tema?

7. As estratégias utilizadas pelo professor têm sido suficientes/adequadas para responder a novos desafios do ensino da História de Angola?

Sim_____ Não_____.

Justifica

8. Na sua opinião como gostarias que fosse abordado o tema sobre a história de libertação de Angola?

Muito obrigado pela vossa prestimosa colaboração!

O Autor

Luís Aurélio E. Chivela

Anexo 3. Programa de História da 11^o Classe

Anexo. Programa de História da 11^a Classe

Tema - Introdutório

1. Apresentação
2. Revisões
3. Avaliação diagnóstica

Tema 1 - Do Tráfico de Escravos ao Comércio “Lícito” (1822-1880)

- 1.1. O contexto histórico da abolição do tráfico de escravos negros;
- 1.2. O fim do ciclo em Angola
 - 1.2.1. O impacto da independência do Brasil (1822-25) na colónia de Angola;
 - 1.2.2. A repressão ao tráfico;
 - 1.2.3. A diversidade de rotas comerciais;
- 1.3. Os avanços na ocupação territorial e os ensaios de uma nova colonização;
- 1.4. A sociedade colonial: os colonos e «os filhos do pai»; a imprensa e a afirmação da imprensa africana;
- 1.5. As sociedades africanas face à mudança
 - 1.5.1. Cabinda
 - 1.5.2. O antigo reino do Kongo;
 - 1.5.3. O Bié e o Bailundo;
 - 1.5.4. O comércio à longa distância dos Quimbundu;
 - 1.5.5. O fim da expansão económica e territorial do Cokwe (Lunda);
 - 1.5.6. O reino de Nyaneka Humbe;
 - 1.5.7. Os Ovambos.

Avaliação (formativa e sumativa)

Tema 2 - Angola no Período da Conquista Europeia de África (1880-1915)

- 2.1. O novo contexto imperialista, as explorações geográficas e científicas, a conferência de Berlim e o prelúdio para a partilha Europeia de África;
- 2.2. Panorâmica geral dos modelos coloniais britânicos, francês e belga;
- 2.3. A nova política portuguesa;
 - 2.3.1. «O ultimatum» de 1890 e o novo nacionalismo colonial; as contradições ideológicas; racismo e “assimilacionismo”;
 - 2.3.2. A instalação do aparelho político e administrativo colonial e as campanhas de ocupação; resistência da armada africana: Kongo, Dembos, Bié, Bailundo, Malanje, Leste, Humbe e Ovambo; as revoltas nas regiões recém-ocupadas: Mutu-Ya-Kevela (Bailundo)

- 1902, Álvaro Buta (Kongo), 1913;
- 2.3.3. A marginalização dos «angolenses» e os apelos autonomistas;
- 2.4. A importância económica de Angola no espaço colonial português.

Tema 3 - A África no Período das Guerras Mundiais (1915-1945)

- 3.1. As duas Guerras Mundiais no contexto das rivalidades imperialistas.
- 3.2. O impacto económico das Guerras Mundiais em África: o reforço da exploração, o comércio colonial e comércio mundial;
- 3.3. O impacto político das guerras mundiais;
 - 3.3.1. A mobilização dos africanos e a politização das elites assimiladas;
 - 3.3.2. As diferentes raízes do primitivo nacionalismo.

Tema 4 - O Colonialismo Português e a Sociedade Angolana na Primeira Metade do Século XIX (1915-1960)

- 4.1. Angola (1915-1950) aspectos políticos.
 - 4.1.1. A frustração da expectativa na colónia no período da 1ª República (1910-1926);
 - 4.1.1.1. Os projectos políticos: Os altos-comissários e o papel de Norton de Matos;
 - 4.1.1.2. O fracasso dos projectos económicos;
 - 4.1.2. A primeira política colonial Salazarista (1930 - 1951): O acto colonial (1930), a «mistica imperial», o reforço da exploração colonial.
- 4.2. Factores do conflito na sociedade colonial.
 - 4.2.1. Trabalho forçado, imposto e expropriação de terras;
 - 4.2.2. Discriminação social e racial, o estatuto dos indígenas e a repressão política;
 - 4.2.3. A viragem do pós II Guerra Mundial;
 - 4.2.3.1. A «provincialização» de 1951 e a política do «fomento ultramarino»;
 - 4.2.3.2. Mudanças económicas e sociais;
 - 4.2.3.3. "Assimilacionismo", aumento de tensões entre colonizados e colonizadores e as primeiras actividades nacionalistas.

Tema 5 - A Revolta Anti-Colonial e a Luta de Libertação Nacional (1962-1975)

- 5.1. O contexto internacional da emancipação afro-asiática;
 - 5.1.1. O novo ambiente ideológico;

-
- 5.1.2. A descolonzização da Ásia;
 - 5.1.3. As independências africanas até 1960 e depois;
 - 5.2. 1961 - O início da guerra de libertação de Angola;
 - 5.2.1. O prelúdio do início da luta armada, «4 de Janeiro de 1961»;
 - 5.2.2. O «4 de Fevereiro»;
 - 5.2.3. O «15 de Março de 1961» e a revolta generalizada no Noroeste de Angola;
 - 5.3. 1962-1974: Dificuldades, contradições e divisões no nacionalismo angolano;
 - 5.3.1. Quadro geral da evolução das lutas de libertação nas colónias portuguesas;
 - 5.3.2. O impacto da guerra de libertação na sociedade angolana;
 - 5.3.2.1. A reacção portuguesa ao desencadear da luta de libertação, guerra e repressão;
 - 5.3.2.2. Transformações económicas e sociais aceleradas: abolição da legislação discriminatória, expansão do ensino, o auge da ideologia do «lusotropicalismo» e a portugalidade;
 - 5.4. A transição para a independência (1974-75);
 - 5.4.1. O 25 de Abril de 1974, a queda do regime Salazarista em Portugal e o fim da guerra colonial;
 - 5.4.2. Período de transição;
 - 5.4.3. A nova guerra e o acesso à independência.